

Revista da
Reitoria
da Universidade
de Coimbra

Número 20
Trimestral
Abril
2008

www.uc.pt/rualarga
rualarga@ci.uc.pt



RUA LARGA



PROPRIEDADE Universidade de Coimbra
DIRECTOR Fernando Seabra Santos
DIRECTOR-ADJUNTO José António Bandeirinha
EDITOR João Mesquita
DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM António Barros
FOTOGRAFIA João Armando Ribeiro
INFOGRAFIA Maria João Freitas e Sérgio Brito
[GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade]
PRODUÇÃO Isabel Terra, Lígia Ferreira e Luísa Lopes
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA Ilídio Barbosa Pereira
EDIÇÃO GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade
Colégio S. Jerónimo, 2.º Piso, Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
IMPRESSÃO Litografia Coimbra, S.A.
TIRAGEM 3.500 ex.
ISSN 1645-765x • Anotado no ICS
CAPA Rui Chafes, *A mesma origem nocturna*
www.uc.pt/ruaalarga
Tel. 239 859 823
PONTOS DE VENDA
Quarteto, XM, Livraria/Loja UC e Artefólio/ Livraria de Bolso • TAGV

Editorial • *Não há nada mais prático do que uma boa teoria* • António José Avelãs Nunes

REITORIA EM MOVIMENTO

• *Universidade e a Informação* • Pedro Ramos

OFICINA DOS SABERES

ACTUAL

• *Estudos Clássicos* • Fátima Silva

IMPRESSÕES

• *Entre Coimbra e Marburgo* • Aníbal Pinto Castro
• *Exposição 300 anos de Lineu* • Paulo Gama Mota
• *EJS* • vários

ESPAÇO DAS ESCOLAS

• *Coerência ...na Obra de Fernando Távora* • Alexandre Alves Costa

BREVES

• *Homenagem a Simões Redinha* • Lélío Lobo
• *Centro de Documentação 25 de Abril: Espólio de Flausino Torres* • Natércia Coimbra

RIBALTA

• *Caminhos de Futuro* • Marisa Matias e Marta Araújo
• *Comemorações dos 120 anos da TAUC*
• *Departamento Ciências da Terra: “um olhar no passado com o futuro no horizonte”* • Alcides Pereira

CIÊNCIA REFLECTIDA

• *Avaliação da Actividade Física Habitual* • Aristides M.C. Machado Rodrigues e Manuel J.C. Coelho e Silva

AO LARGO

ENTREVISTA

• *Prémio UC - José Epifânio da Franca* • João Mesquita

RETRATO DE CORPO INTEIRO

André Oliveira, presidente da AAC • João Mesquita

CRIAÇÃO LITERÁRIA

Caramba Manuel • Luís Cardoso

LUGAR DOS LIVROS

TEMAS

30 Anos do CES
X Semana Cultural

Não há nada mais prático do que uma boa teoria

António José Avelãs Nunes *

Há dias ouvi na rádio um comentário sobre o panorama universitário em Portugal no qual o entrevistado defendeu que as universidades portuguesas emitiam diplomas mas não conferiam competências, acrescentando logo a seguir que as universidades portuguesas não trabalhavam tendo em conta as necessidades do mercado do trabalho. É uma velha questão esta. O que me impressiona é que ela não esteja resolvida, ao menos para aqueles que têm formação universitária, como era o caso do ‘comentador’ acima referido. Se não erro muito, as universidades devem preocupar-se em habilitar os seus alunos, aos vários níveis (licenciatura, mestrado e doutoramento), com uma preparação teórica de elevado nível.

E deve também formá-los para a vida, cuidando da sua formação humanista e cidadã, num ambiente de grande rigor intelectual, de liberdade de aprender e de ensinar, de permanente crítica do saber estabelecido, de preocupação com a vida da cidade.

Se cumprir bem esta missão, a Universidade fornecerá aos seus alunos a competência fundamental para pensar livremente pela própria cabeça, a competência para poder continuar a estudar ao longo da vida, de modo a enfrentar capazmente os problemas novos que a vida coloca todos os dias, procurando esclarecer a sua raiz e a sua natureza e tentando encontrar a solução adequada para cada um deles. Esta é uma competência que só a preparação teórica de alto nível pode conferir.

Todas as teorias são sempre uma tentativa de compreender e de explicar um determinado aspecto ou um determinado momento da realidade em permanente devir. Um ensino teórico não se confunde, pois, com um ensino (e uma investigação) nefelibata, divorciado da vida.

Acontece até que, muitas vezes, a teoria antecipa a realidade. A história da ciência está cheia de exemplos em que os investigadores elaboraram conceitos e formularam teorias que, aparentemente, não serviam para nada e que, algum tempo depois, ajudaram a mudar o mundo, tornando possíveis realizações que arrastaram consigo novas formas de vida e novas concepções do mundo e da vida.

É esta a grande aventura humana. O desenvolvimento científico e tecnológico colocado ao serviço dos homens de carne e osso é o único caminho da libertação do homem. E as universidades devem estar

ao serviço deste grande objectivo da humanidade. Elas devem ser centros de excelência no domínio da investigação científica e devem apoiar o seu ensino na investigação que desenvolvem. Este é o maior contributo que podem dar para o desenvolvimento económico e social do País. Este é o contributo que só elas podem dar para melhorar a nossa capacidade de produção de riqueza e para melhorar o nível de vida e o bem-estar dos portugueses.

Creio ser profundamente errado pretender que as Universidades forneçam a mão-de-obra pronta a utilizar que se adapta a cada posto de trabalho em todas as empresas. E creio ser errado reduzir as Universidades a uma espécie de ‘fábricas’ que produzem mão-de-obra qualificada segundo as necessidades do mercado de trabalho.

A formação profissional deve ser responsabilidade de outras entidades públicas (e também das empresas) e deve ser um objectivo a prosseguir ao longo da vida, muitas vezes, é claro, com a colaboração das Universidades. A Universidade de Coimbra — que tem uma torre e tudo, embora não de marfim... — não pode ser acusada de estar encerrada na sua torre de marfim.

A nossa Universidade está comprometida, com o Instituto Pedro Nunes, num processo articulado de ligação ao mundo empresarial. A incubadora de empresas do IPN foi pioneira no nosso País e tem provas dadas neste domínio. Várias outras instâncias da Universidade de Coimbra trabalham em íntima ligação com as actividades económicas, com as autarquias locais, com hospitais e outros serviços públicos. O GATS (Gabinete de Apoio às Transferências do Saber) vem desenvolvendo uma política activa de aproximação às empresas, dando a conhecer a Universidade e as suas competências aos empresários e estimulando-os a acolher novas formas de organização e de produção apoiadas no saber, no conhecimento e na teoria gerados na Universidade de Coimbra. Este é o nosso modo de trabalhar, porque estamos convencidos de que não há nada mais prático do que uma boa teoria.



Reitoria em Movimento

A Universidade e a Informação

Pedro Nogueira Ramos *

Poucas sociedades deram tanta importância à informação quanto aquela em que hoje vivemos. A informação está omnipresente, a todas as horas, por todos os meios, no cartaz, no panfleto, na imprensa escrita, no mais intrusivo dos instrumentos da vida moderna: a televisão; na coqueluche dos nossos dias: a internet. Mas a veracidade e a fiabilidade dessa informação é a mais variável. De facto, muita da informação com que somos persistentemente bombardeados é falsa, distorcida ou enganadora. Mas, ao mesmo tempo, uma informação verdadeira, incisiva e filtrada pela utilidade é um poderosíssimo instrumento de decisão e gestão. Não espanta, pois, que a Universidade de Coimbra (UC) se preocupe e colecte, seleccione e organize a sua informação. Sua, não por se reportar exclusivamente à UC — o meio envolvente e o resto do sistema de ensino superior não podem ser esquecidos —, mas por pressupor uma atitude activa, uma exigência de objectividade e veracidade, um permanente separar do trigo do joio, que são a marca da universidade.

O objectivo é claro: informar sobre a estratégia da UC, sem menosprezar de premeio a decisão quotidiana e a defesa e a promoção da imagem da instituição.

O primeiro passo na construção de um sistema de informação estatística de suporte à decisão é identificar as variáveis mais relevantes que é crucial conhecer. A dimensão do sistema não é uma qualidade que se almeje. Não é preciso saber tudo sobre tudo. É preciso saber o que é indispensável saber, e só vale a pena procurar o que se sabe ser fiável. Na UC, definiu-se um conjunto de campos fundamentais sobre que se pretende recolher, coleccionar e manter actualizada a informação. Esses campos podem ser esquematizados como se segue:

1) Acesso à universidade

- percurso académico dos alunos, prévio ao momento do acesso;
- adequação entre a procura e oferta de ensino superior;
- expectativas dos alunos, especialmente dos que ingressam nas licenciaturas, quanto ao serviço a ser-lhes prestado;
- motivações dos alunos, especialmente dos que ingressam nas pós-graduações, que justifica a sua opção pela UC;

2) Desempenho pedagógico

- indicadores objectivos (taxas de aprovação, etc.);
- índices de satisfação quanto ao processo pedagógico, quer por parte de discentes, quer de docentes;

3) Corpo docente

- níveis de qualificação e grau académico;

4) Infra-estruturas e equipamentos

- taxas de utilização;

- indicadores de opinião de discentes e docentes;

5) Percurso profissional após conclusão do curso

- empregabilidade a curto prazo;

- qualidade do percurso no longo prazo;

- indicadores de satisfação retrospectivos, a recolher após conclusão do curso;

6) Financiamento das universidades

- macro-indicadores de financiamento (esforço do Estado e das famílias; outras receitas próprias);

7) Investigação científica

- pesquisa sobre bases de dados de publicações;

- indicadores relativos aos centros de investigação;

Tão importante quanto definir o que se recolhe é determinar como se recolhe. Um primeiro e óbvio processo é explorar bases de dados exaustivas, construídas na própria Universidade, ou por outras entidades, mas que são públicas ou podem ser acedidas pela UC. Uma característica destas bases é que geralmente não foram construídas com objectivos estatísticos, mas por regra com fins administrativos. Este facto condiciona a qualidade estatística dos dados que daí podem ser inferidos. É um engano julgar que esta informação, por decorrer de registos exaustivos, é isenta de erro.

Nem sempre assim acontece, sendo fundamental identificar, vigiar e controlar as possíveis fontes do erro. Outra via de aceder a informação é a UC conceber e lançar os seus próprios inquéritos, questionando destinatários diversos.

Estes inquéritos baseiam-se, é claro, em princípios científicos.

Uma primeira preocupação tem de ser a da representatividade estatística: deve-se evitar inquirir, só por razões de comodidade, os que estão mais à mão, mas que nem sempre representam de modo neutro o universo cuja opinião se pretende auscultar.

Um segundo princípio é o da parcimónia: há que combater a proliferação de inquéritos e os inquéritos descomedidos que - tudo - perguntam, que justamente indignam quem se sente compelido a responder-lhes, e se traduzem em consequência — quase que à laia de vingança — em menor qualidade nessas respostas.

Este é, pois, o projecto da UC de produção de informação estatística própria. Encontra-se ainda, é certo, numa fase embrionária. Não foi possível arrancar simultaneamente com todos os campos acima listados. Sobretudo, não se julgou ainda oportuno adoptar a publicação como regra para a informação colectada. Mas a seiva já flui. A Universidade, os seus dirigentes, estão bem cientes de quão importante é conhecermo-nos: discernir para decidir.



Oficina dos Saberes

ACTUAL

IMPRESSÕES

ESPAÇO DAS ESCOLAS

BREVES

RIBALTA

CIÊNCIA REFLECTIDA

Estudos Clássicos hoje ...

Para quê?

Maria de Fátima Silva *

Para que servem os Estudos Clássicos na actualidade? Esta, poderá ser uma questão que responsáveis políticos pelo ensino e pela cultura, professores, pais e jovens estudantes, sob diferentes perspectivas, se colocam. E das respostas que encontram advêm para os mesmos Estudos Clássicos consequências, gravosas muitas vezes, nunca, porém, inócuas. De onde resulta uma verdade indesmentível: os Clássicos parecem necessitar, sem tréguas, de afirmar a pertinência do seu existir. E sem cansaço o têm feito e continuarão a fazer.

Tudo, no mundo em que vivemos, obedece a dois critérios: o da utilidade e o do prazer. Nada vale a pena se não servir para qualquer coisa; tudo é aceitável em nome do prazer. E os Estudos Clássicos não são excepção. Está, porém, na sua própria índole esta dupla credencial, a que respondem sem esforço.

A UTILIDADE talvez mereça o primeiro lugar, a utilidade autêntica, não o utilitarismo. Somos cidadãos europeus, antes de mais, e nessa perspectiva temos de pensar. É para servir um projecto de Europa que nos programamos e organizamos o nosso quotidiano; e dele fazem parte os Estudos Clássicos, naturalmente. Ser, e sentir-se, europeu corresponde a conhecer as origens de uma mentalidade e de uma cultura, que se baseiam num conjunto de pressupostos tão fundamentalmente entranhados na nossa natureza, que é preciso um esforço para deles tomarmos consciência; a língua, a estrutura política das nossas sociedades, as instituições, o pensamento, as artes, as ciências, no seu estádio actual, têm uma origem, um passado, um progresso que é

preciso descobrir e conhecer. Só ele fundamenta a noção de comunidade e de diferença, com que os responsáveis pelo destino da Europa defendem as decisões que são chamados a tomar, no que é a construção de um futuro comum. Assim, o velho continente assume-se como uma unidade múltipla, capaz de enfrentar, com uma identidade própria e distinta, o desafio global.

Que medidas?

Mas que medidas concretas têm tomado os mesmos dirigentes no sentido da criação ou defesa dos meios que proporcionam a tal consciência europeia? Há que reconhecer que os percalços e dificuldades que o quotidiano denuncia não deixam dúvidas sobre o eterno desequilíbrio de uma balança, onde cultura e Humanidades parecem leves, em contraponto com o sentido económico que as cerca e as patrocina. Talvez seja difícil condená-las, como componente inútil no plano educativo e cultural, no que se pretende um discurso politicamente correcto; uma recusa liminar equivaleria a assumir a rejeição de um certo padrão de cultura, elevado e consistente. Mas as medidas tomadas e os resultados obtidos – legislação desajustada, lógica dos números, valorização de outras prioridades – não abonam uma prática consequente. Uma simples troca de impressões, informal, entre cidadãos dos quatro cantos da Europa impõe uma realidade consensual: o espaço dado às Humanidades é estreito, o interesse dos estudantes limitado, o seu ajuste ao que são os objectivos pragmáticos em voga precário. Há, do lado

da sociedade, uma tendência preferencial por saberes concretos, que parecem mais promissores face às contingências do imediato. Mas, porque se trata efectivamente de ‘contingências’, em breve caducas no mundo acelerado que é o nosso, elas podem deixar de mãos vazias os que apostam no superficial e no imediato. Dos saberes abstractos, que não flutuam, se obtêm qualidades de fundo, como a capacidade de pensar, de organizar e de interpretar, que estruturam uma competência séria em qualquer actividade específica. Portugal tem sido, desta crise generalizada, um exemplo gritante.

Mas esses mesmos cidadãos que se lamentam de um balanço negativo ou que tendem a sentir-se os últimos resistentes num contexto hostil, não são amorfos ou derrotados. A partir do desencanto encontram forças para prosseguir na linha de afirmação, de actualização, na defesa dos seus valores. Porque a mesma Europa que lhes opõe barreiras, lhes oferece também as armas para a luta.

O poder da comunicação é, para as Humanidades e, se quisermos, para os Estudos Clássicos em particular, um primeiro instrumento essencial. Desde logo porque qualquer suporte divulgador de informação se encheu de um material onde a cultura e a sua história adquiriram, pela própria natureza das coisas, um amplo lugar. Dessa realidade adveio a difusão de métodos e conteúdos, a reformulação de processos pedagógicos, a adaptação aos novos instrumentos de comunicação dentro de um universo global de especialistas e de interessados; ou a capacidade de se tomar, por via de petições online, medidas de coesão na defesa dos valores que se partilham e daí auferir uma força audível junto das instâncias de governação. E, curiosamente, esses têm-se revelado momentos de mobilização da opinião pública, através do debate aberto, em torno de um valor que decisões governamentais ameaçam.

Do mesmo contacto advém um conhecimento essencial de como prossegue, nos países europeus, a tradição do ensino dos Clássicos, um elemento indispensável para avaliar distâncias ou afinar equilíbrios¹.

Florescem, neste mundo sem fronteiras, as associações; não só, a nível europeu, as nacionais, de que a APEC – Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – representa o exemplo mais tradicional na realidade portuguesa, como as suas congéneres nos outros continentes. Nelas assentam as federações internacionais, de que as europeias FIEC (Federação Internacional de Estudos Clássicos) e EuroClassica, ou a transcontinental União Latina constituem exemplos de grande vitalidade e intervenção.

Multiplicam-se congressos, encontros científicos, cursos intensivos, que reúnem frequentemente profissionais, especialistas em áreas multidisciplinares, com estudantes de diferentes níveis de ensino. Desenvolvem-se, a nível da docência e da investigação, ao abrigo de programas que a Comunidade Europeia disponibiliza ou por outras iniciativas, institucionais ou pessoais, parcerias, de onde resulta a troca de saberes, a edição conjunta, para além de um relacionamento pessoal de que, fundamentalmente, todas as outras tarefas dependem. Ao mesmo tempo, vão sendo desenvolvidos esforços nacionais, que permitam fazer de cada país um parceiro condigno deste processo. Portugal não tem sido excepção. Depois de décadas de empenho e de trabalho, o país beneficia hoje de uma geração alargada de especialistas, que souberam conquistar o seu espaço extra-fronteiras. Deles depende um ensino qualificado e, sobretudo, a intervenção num espaço, no plano do Ensino Secundário e Superior, que conhece uma adaptação permanente às exigências instáveis do contexto imediato. Depois de um boom que inflacionou

1. Permito-me referir a interessante publicação que constitui o livro coordenado por J. Bulwer, *Classics Teaching in Europe* (London 2006).

os Grupos de Estudos Clássicos nas Universidades portuguesas, Coimbra e Lisboa são de novo, neste momento, as depositárias de um formação especializada, não sem que, nas restantes Universidades do país, docentes preparados assegurem, na perspectiva dos fundamentos filológicos ou culturais no seu interesse pluridisciplinar, unidades da área. Sobre o Ensino Secundário, desfalcado de matérias humanísticas e despido por completo das da área clássica, houve que pugnar por uma reintegração de saberes, que trouxessem ao esquema em vigor a dignidade indispensável a uma estrutura sobre a qual assenta a formação geral da sociedade portuguesa.

Uma intervenção inevitável

O ensino das línguas partiu, de uma competência estrita sobre o Grego e o Latim, para uma interferência sobre campos específicos da língua materna. A noção de que o português, na sua globalidade de língua românica, como na especificidade de campos semânticos particulares, técnicos, científicos e culturais, tem um ascendente profundo no Grego e no Latim, levou à criação de cursos dirigidos a públicos distintos, além da intervenção inevitável, que se quer ver reconhecida, no ensino geral do Português. A abordagem dirigida a novos públicos, oriundos da Medicina, Farmácia, ou das Ciências da Vida em geral, como do Direito, da História ou da Filosofia, abriu outras perspectivas à vivência diária no uso da língua. Esta é uma aposta que acompanha a opção daqueles países onde um conhecimento sério da língua materna, apoiado na consciência da estrutura e questões gramaticais que lhe subjazem, é uma prioridade. A que se sucede, como saudável consequência, a capaci-

dade de uma aprendizagem qualificada de línguas estrangeiras. Por seu lado, as matérias culturais conheceram um processo equivalente, que se exprimiu na repartição do que designamos por ‘Cultura Clássica’ lato sensu, em módulos, que servem a especificidade dos novos destinatários. A tradução dos textos clássicos recrudescer, viabilizada pelo apoio de diversas entidades culturais, públicas – Fundação para a Ciência e Técnica, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, Fundação Calouste Gulbenkian – e privadas, na pessoa dos vários editores que os valorizaram nas colecções que promovem. Este acolhimento, associado à capacidade de várias equipas de tradutores, tem vindo a abastecer o mercado nacional, bem como o espectro alargado do mercado de língua portuguesa, com produtos de qualidade, dirigidos a públicos de formação e interesses cada vez mais amplos. Acrescentem-se estudos, revistas científicas, manuais, gramáticas e, mais recentemente, dicionários, materiais tradicionalmente escassos, que vão conhecendo uma expansão assinalável.

É chegado o momento do PRAZER. E esse resulta, para os que optaram pelas hostes clássicas, da mobilização e do empenho que o próprio desafio estimula. Às entidades que nos governam mais não se pede do que condições que permitam, aos interessados, o acesso a essa área do saber. Exigência modesta, mas por vezes dificilmente conquistada. Feita a divulgação e assegurada a oferta, acreditamos que o prazer fluirá naturalmente, por obra do fascínio que é apanágio da cultura, e por mérito dos velhos clássicos na sua atemporalidade. Ou não haverá sempre prazer no reencontro com um amigo, porque se tem com ele intimidade, ou simplesmente na descoberta de alguém em quem se encontram afinidades que aproximam?

Entre Coimbra e Marburgo

As celebrações do VIII Centenário do nascimento de Santa Isabel da Hungria

Aníbal Pinto de Castro *

Entre 17 de Novembro e 22 de Dezembro de 2007, realizou a Confraria da Rainha Santa Isabel, no coro baixo da sua igreja, em Santa Clara, uma exposição intitulada A Coroa, o Pão e as Rosas. VIII Centenário do nascimento de Santa Isabel da Hungria. Foi a sua maneira de responder ao convite, quase um desafio, que cerca de um ano antes lhe fora feito pelo Prof. Jürgen Römer, delegado da Comissão Oficial Alemã do Elisabethjahr, para, numa conjugação de esforços com a Universidade de Coimbra, se associar às celebrações do VIII Centenário do nascimento de Santa Isabel da Hungria, cujo culto desde muito cedo, por iniciativa de sua sobrinha-neta, Rainha de Portugal, alcançou grande notoriedade neste extremo ocidental da Europa e, em particular, na cidade de Coimbra. O projecto, de dimensão internacional, contou com o apoio de diversas entidades locais e internacionais. Coimbra, através da Confraria da Rainha Santa Isabel e da sua Universidade, integrou uma comissão internacional constituída por várias comissões sedeadas na Alemanha, na Eslovénia, na Estónia, na Holanda, na Hungria, na Polónia, na Suíça e na Áustria.

Para assinalar esta efeméride, as igrejas evangélicas alemãs de Kurhessen-Waldeck, de Hesse e Nassau, a diocese e a Universidade de Marburgo, bem como o Arquivo Estatal de Hesse, reuniram na cidade de Marburgo, entre os dias 20 e 23 de Setembro de 2007, os vários membros das comissões participantes. Esta reunião, dividida entre a apresentação dos trabalhos das várias comissões par-

ticipantes e o encontro ecuménico que puderam concretizar, permitiu um enriquecimento mais profundo acerca da figura emblemática de Santa Isabel da Hungria. Em representação das instituições portuguesas estiveram presentes o Professor Doutor João Gouveia Monteiro, pela Universidade, e o Dr. Milton Pedro Dias Pacheco, em representação do signatário, na sua qualidade de Presidente da Confraria da Rainha Santa Isabel.

Embora sujeita às grandes linhas traçadas para as comemorações internacionais, pareceu-nos, no entanto, que essa participação não podia nem devia limitar-se a reeditar as outras exposições realizadas em toda a Europa, e em especial na Alemanha, relacionadas com a vida e virtudes daquela Santa Princesa. Antes, muito ganharia em demonstrar como, pelas vias desse espírito de caridade cristã de marca franciscana, graças a elas se estabeleceram relações de índole espiritual e cultural entre regiões tão distantes no mapa da Europa medieval. Por outro lado, dos elementos literários, documentais e iconográficos que nela introduzíssemos não podia deixar de resultar um conhecimento mútuo mais profundo de ambas as personalidades, ligadas por laços de parentesco tão próximos, de vidas tão paralelas e de conceitos de vida tão semelhantes.

Foi nossa intenção mostrar, segundo um programa didáctico e catequético, de que forma os ideais de caridade e os fundamentos apologéticos no plano da Fé, manifestados pela Rainha Santa, tiveram como modelo de santidade aquela figura, moldando

valores, práticas e vivências de caridade na sociedade da sua época, exercendo um excepcional fascínio nas gerações vindouras. Inserida na própria religiosidade cristã, importa nesta efeméride dar a conhecer a personagem de Santa Isabel da Hungria, a seu modo responsável pelo desenvolvimento de um *modus vivendi* de flagrante actualidade, porque dirigido ao auxílio dos mais desfavorecidos, a partir da cidade de Marburgo, onde passou grande parte da vida e teve origem a devoção que depois lhe seria tributada, numa acção conscientemente assumida pela Rainha Santa Isabel de Portugal, ao longo de toda a sua vida e depois da sua morte. Uma tal iniciativa exigiu, porém, um pesado sacrifício material e só foi possível graças ao empenho manifestado pelas várias entidades nela envolvidas, entre as quais gostaria de sublinhar e agradecer de modo especial a Comissão Alemã Elisabethjahr, na pessoa do Prof. Jürgen Römer, e a Universidade de Coimbra, através do Senhor

Reitor, Prof. Doutor Fernando Seabra Santos, do Prof. Doutor João Gouveia Monteiro, ao tempo Pró-Reitor para a Cultura, do Director da Biblioteca Geral, Prof. Doutor Carlos Fiolhais e da Faculdade de Letras (Dr. Bernd Speidel).

Foi ainda precioso o contributo de outras instituições, como a Diocese de Santarém e o seu Bispo, Senhor D. Manuel Pelino, além do IGESPAR (o distinto Arqueólogo, Mestre Artur Corte-Real).

Uma palavra de rasgado louvor e aplauso é ainda devida ao Dr. Milton Pacheco, pelo entusiasmo que consagrou aos vários passos da iniciativa.

Bom teria sido que as instâncias culturais da cidade e da Universidade tivessem correspondido melhor a tanto empenho, dedicação e sacrifícios. Infelizmente assim não aconteceu. Mas dela ficou, ad perpetuum rei memoriam, um magnífico Catálogo, que no futuro servirá de prova tangível a esta colaboração de Coimbra numa realização internacional em prol da unidade/diversidade espiritual da nova Europa dos tempos modernos.

** Universidade de Coimbra
Presidente da Confraria da Rainha Santa Isabel*



A diversidade da vida

Nos 300 anos de Lineu, uma exposição no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

Paulo Gama Mota *

No dia 23 de Maio de 1707 nascia, numa província do sul da Suécia, Carl Linnaeus, um dos mais importantes naturalistas do século XVIII. É hoje recordado por ter inventado e concretizado o sistema binominal de designação das espécies, ou nome científico, na sua obra de referência “Systema Naturae” (1758). Nós somos *Homo sapiens*, o pardal

Passer domesticus, a margarida *Bellis sylvestris*. Designações latinizadas que permitiram a utilização internacional de um código de designação da variedade do mundo vivo.

A proposta de Lineu teve o grande mérito de garantir a sistematização da informação recolhida por muitos naturalistas, que, até então, não utilizavam critérios uniformes, o que dificultava enormemente a troca de informação entre eles. Assim, o tomate, que tinha a designação de *Solanum caule inerme herbaceo, foliis pinatis incis, racemis simplicibus*, recebeu a mais conveniente designação lineana de *Solanum lycopersicum*. A acumulação de informação que se realizou nos séculos seguintes deve muito ao trabalho de sistematização desenvolvido por Lineu. E não deixa de ser significativo que o sistema binominal de nomes científicos se tenha mantido inalterado até hoje, mais de 250 anos depois.

Um dos correspondentes de Lineu foi Domingos Vandelli, primeiro director do Gabinete de História Natural e do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, que adoptou o sistema de classificação de Lineu para sistematizar o seu gabinete.

Podemos observar hoje, no edifício do Laboratorio onde se encontra o Museu da Ciência, um conjunto de sete potes com as designações sistemáticas de classes de plantas propostas por Lineu, mandados cons-

truído por Vandelli. A classificação proposta por Lineu incluía 24 classes, com designações que se baseavam na configuração das partes reprodutoras das plantas, particularmente da posição e número dos estames - a parte masculina. Na realidade, o sistema de classificação das plantas acabou por ser abandonado, preterido em favor de uma classificação a partir da germinação daquelas, proposto por Jussieu, do Jardin des Plantes, de Paris.

Uma inesperada janela sobre o passado

O advento da biologia molecular veio permitir a leitura directa do código genético dos organismos. E essa possibilidade abriu uma janela inesperada sobre o passado, uma vez que uma árvore filogenética é a reconstituição da história de uma parte da vida na Terra. Através da análise e comparação das sequências de espécies diferentes é possível traçar a sua árvore filogenética, porque espécies mais próximas evolutivamente, isto é, que divergiram há menos tempo, apresentam mais sequências idênticas e menos alterações que espécies mais afastadas. Nós partilhamos cerca de 98 por cento desse código com os chimpanzés, os nossos parentes vivos mais próximos. Nos últimos 12 anos foram sequenciados mais de 180 genomas de espécies diferentes: o genoma da mosca do vinagre (*Drosophila melanogaster*), foi descrito no ano 2000, o humano em 2001, o do cão em 2003, da galinha em 2004, do mosquito *Anopheles* (malária) em 2002, da abelha em 2004 e da bactéria *Escherichia coli* em 2001. Biliões de seres vivos pertencentes a milhões de espécies partilham o planeta connosco. Graças ao trabalho de classificação e sistematização realizado por Lineu, podemos conhecer melhor,





actualmente, as espécies vivas do planeta e acompanhar a evolução das suas populações. Mesmo assim, conhecemos apenas uma pequena fracção (1,8 milhões) das mais de 30 milhões estimadas. Vivemos no nosso planeta um período

de desenvolvimento insustentável. O enorme crescimento demográfico da nossa espécie — somos actualmente mais de 6 mil milhões, quando éramos pouco mais de mil milhões em 1800 — acompanhado por uma intensa e extensa

utilização do espaço e dos recursos do planeta, colocaram uma pressão enorme sobre o planeta e os seus recursos.

Para fazer face às necessidades básicas da população em alimento, energia e água, têm vindo a dissipar-se os recursos naturais, grande parte dos quais não renováveis. Hoje, quase 800 milhões de pessoas sofrem de subnutrição, especialmente em África, mais de 1 bilião não tem acesso a água potável e um terço da população do planeta não tem saneamento básico nem electricidade. As profundas alterações que se verificam nos ecossistemas, em consequência das actividades humanas, estão na origem do que se considera ser a sexta maior extinção na história da vida na Terra. Estima-se que a taxa de extinção da biodiversidade seja actualmente cem a mil vezes superior à que se verificava antes do aparecimento do Homem. E a principal causa de extinção das espécies é, actualmente, a destruição do habitat, por desflorestação e utilização da terra para agricultura e habitação. A destruição de floresta tropical era, na década de 80, equivalente a um campo de futebol por segundo. Actualmente, face ao abrandamento que se verificou, é de metade desse valor. O número de espécies condenadas, por ano, é 27 000, 74 por dia, três por hora. Em cem anos, toda a floresta tropical do planeta poderá ter desaparecido. Ora, 70 por cento dos

animais e das plantas terrestres vivem nas florestas e muitos poderão não sobreviver à desflorestação.

Os riscos do aquecimento global

A segunda principal causa de extinção das espécies é o aquecimento global. Estudos recentes sugerem que se poderá tornar rapidamente na primeira causa. Isto porque muitas das espécies, para fazerem face a alterações climáticas, tenderão a deslocar-se para os climas que lhes são mais adequados; se conseguirem fazê-lo, as outras, ou se adaptam, ou se extinguem. E basta invocar a extinção dos mamutes na Europa, que ficou a dever-se ao aquecimento do clima após

a última glaciação, para lembrar como isso pode afectar todo o tipo de organismos. Edward Wilson, um dos maiores biólogos do século XX, tem vindo a alertar a nossa consciência de forma dramática, sobre as causas e consequências da perda de biodiversidade, em obras como “A diversidade da Vida” ou a recente “Criação” (ambas editadas pela “Gradiva”), que deveriam ser lidas por todos. Especialmente pelos governantes que pensam entregar reservas ecológicas à gestão das autarquias e, indirectamente, aos interesses imobiliários que as rodeiam e minam. Porque deve um património de todos ser colocado ao serviço de alguns privados?

A substância que cura o cancro do pâncreas poderá ser segregada por um escaravelho raro, pouso sobre uma orquídea, num remoto vale dos Andes... A Biodiversidade é o nosso recurso mais precioso e não devemos perdê-lo.

A exposição no Museu da Ciência confronta-nos directamente com inúmeras das espécies ameaçadas no planeta ou em Portugal, como o lobo-ibérico, o urso-pardo, o lince-ibérico, a águia-pesqueira, a tartruga-imbricada ou o narciso-do-mondego, procurando que o contacto directo e a proximidade com essas espécies nos leve a reflectir sobre a necessidade de preservarmos essas preciosidades.

Energia para a Sustentabilidade

Universidade de Coimbra responde aos desafios do futuro

Os desafios que actualmente se colocam à sociedade, nomeadamente a escassez de recursos energéticos, as alterações climáticas e a degradação ecológica, exigem respostas de natureza interdisciplinar no estudo, concepção, operação e regulação de sistemas de geração, transporte e uso de energia, bem como nas suas interações com o meio ambiente.

A iniciativa Energia para a Sustentabilidade (Energy for Sustainability - EfS) reúne a colaboração de docentes das Faculdades de Ciências e Tecnologia, de Economia e de Direito da Universidade de Coimbra, com o apoio de algumas unidades de I&D, com longa experiência de ensino, investigação, transferência de tecnologia e consultoria em temas ligados à energia e ao desenvolvimento sustentável, para responder a estes desafios através da oferta de programas de formação avançada e potenciando a capacidade da intervenção da UC em projectos e acções de diversa natureza nestas áreas. Neste contexto, a iniciativa EfS pretende promover a fertilização cruzada entre áreas científicas e actividades de formação no vasto contexto dos recursos energéticos para o desenvolvimento sustentável, dotando os profissionais de competências para identificar os potenciais desafios, riscos e impactes da produção e da utilização da energia, de modo a adaptar os recursos tecnológicos à procura de acordo com critérios de sustentabilidade e de eficiência.

A iniciativa EfS visa concretizar a transferência de conhecimento para a sociedade no domínio da energia para a sustentabilidade através de actividades de formação avançada, de mestrado e doutoramento, bem como através de cursos de curta duração.

A iniciativa EfS está fortemente ligada aos problemas reais da sociedade e das empresas, com as quais serão desenvolvidas formas de articulação e de participação,

através da interacção directa com decisores na indústria e nos serviços, bem como ao nível dos responsáveis pelas políticas dos sectores relevantes. Para além dos alunos em percursos tradicionais, os programas de formação avançada da iniciativa EfS, em articulação com o programa MIT-Portugal, são também dirigidos a profissionais nas áreas de engenharia, ciências, arquitectura, economia e gestão, entre outras.

Os programas em Energia para a Sustentabilidade visam formar Mestres (2.º ciclo) e Doutores (3.º ciclo) com competências interdisciplinares vocacionadas para a utilização eficiente de energia, para a produção de energia, centralizada e descentralizada, bem como para a distribuição da energia, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável, com competências nos domínios tecnológicos relevantes e nos da economia da energia e do ambiente, com capacidade para análise de sistemas e inter-relações entre sistemas. Estes profissionais estarão habilitados a desenvolver investigação e a equacionar problemas de elevada complexidade no âmbito da modelação de sistemas físicos (incluindo edifícios e equipamento), da análise e controlo de sistemas de grande dimensão (tais como redes eléctricas), das interações energia-ambiente-economia, lidando com tópicos como a avaliação da sustentabilidade, a avaliação de ciclo de vida de sistemas de energia e de fluxos de materiais, da análise económica e de processos de liberalização de mercados de energia, incluindo formas de regulação, do apoio à decisão usando optimização multi-objectivo e avaliação multi-critério com tratamento da incerteza.

Para além do Mestrado e do Doutoramento é também oferecida formação não conferente de grau, com uma duração de dois semestres, designada por Diploma de Formação Avançada.



Todos os cursos funcionarão num contexto de cooperação internacional, em particular no âmbito do Programa MIT-Portugal, com intervenção de especialistas do MIT e de outras escolas (quer presencialmente, quer através de um programa de seminários por videoconferência), no apoio a áreas em que apresentam competências relevantes para complementar a capacidade própria da Universidade de Coimbra. Todo o programa de formação oferece três áreas de especialização - Sistemas de Energia e Políticas Energéticas, Edifícios e Ambientes Urbanos, Climatização e Conforto, onde existem fortes competências endógenas da Universidade de Coimbra. A formação na área de Edifícios e Ambientes Urbanos proporciona competências para análise de sistemas à escala urbana, quer na perspectiva da organização do espaço, onde se cruzam critérios relativos à funcionalidade, à fruição e à utilização sustentável dos recursos naturais, quer na perspectiva dos edifícios enquanto sistemas complexos, cujas concepção e operação são encaradas no contexto global da eficiência, do conforto e da saúde. A análise do ciclo de vida – de espaço construído e de equipamentos –, as interações dos edifícios com o meio envolvente, o planeamento e o apoio à decisão baseados em sistemas de informação geográfica, constituem aspectos centrais nesta área de especialização.

No domínio dos Sistemas de Energia e Políticas Energéticas são facultadas competências em temas ligados à economia da energia e do ambiente, ao funcionamento dos mercados energéticos nas suas várias formas de organização e regulação, à utilização eficiente da energia e aos mecanismos de mitigação das correspondentes barreiras de mercado, à

organização dos sistemas de transporte para a sustentabilidade, entre outros.

A formação na área de Climatização e Conforto proporciona competências para a simulação energética de edifícios, nas suas várias vertentes, em mecânica dos fluidos computacional, no projecto e manutenção de instalações de aquecimento, ventilação e ar condicionado, em tecnologias de fachadas e coberturas de edifícios, em sistemas de climatização e na qualidade do ar interior. O programa de doutoramento (3.º ciclo) está organizado em 6 a 10 semestres (3 anos em tempo total, ou 1 + 4 anos em tempo parcial, nos casos de não bolseiros em dedicação exclusiva).

Nos primeiros dois semestres decorre a parte escolar do curso, na qual os doutorandos realizam 60 ECTS, igualmente repartidos entre unidades curriculares e um projecto de tese. Após estes dois primeiros semestres frequentados com sucesso, o doutorando desenvolve a tese num período compreendido entre 4 e 8 semestres. O programa de mestrado (2.º ciclo) é constituído por uma parte escolar, com uma duração de 2 semestres e constituída por um conjunto de unidades curriculares relativo a 60 ECTS (correspondendo a um Diploma de Formação Avançada) e uma dissertação de mestrado, com uma duração de 1 semestre (30 ECTS). A iniciativa EfS dispõe já de um sítio internet em www.uc.pt/efs, onde pode ser encontrada toda a informação relevante para o ano lectivo de 2008/09, primeiro ano em que funcionarão os três cursos.

Já foi feito o lançamento público desta iniciativa e divulgada a Comissão de Acompanhamento, constituída por representantes das mais importantes empresas do sector energético em Portugal.

A Comissão de Coordenação Científica e de Gestão da iniciativa EfS-UC

António Gomes Martins – DEEC/FCTUC, António Tadeu – DEC/FCTUC, Carlos Henggeler Antunes – DEEC/FCTUC, Fausto Freire – DEM/FCTUC, José António Bandeirinha - DArq/FCTUC, Luís Cândido Dias – FEUC, Manuel Gameiro Lopes – DEM/FCTUC.



A obra de Fernando Távora

Um caso de coerência conceptual e metodológica

Alexandre Alves Costa *

1. Tenho escrito sobre Fernando Távora alguns textos. Este é mais um. Retoma o que já escrevi e publiquei. Seguramente acrescentará pouco às leituras já feitas. Tenho consciência de que transformar em discurso verbal, crítico e interpretativo, o que é visível e tão claro na sua obra, tem sido redundante e demasiado fácil. Mas, na impossibilidade de me remeter para o discurso hermético, abundante de referências extradisciplinares, que hoje transformou a crítica de arquitectura numa actividade ensaística de super especialistas afastados do ofício, vejo que me tenho colocado sempre numa posição mais próxima do biógrafo. Talvez, também, por respeito à sua figura tão próxima e familiar. A outros, penso para me justificar, a tarefa de o relerem com verdadeira distância crítica!

2. A obra de Távora nunca abandonou a fidelidade afirmada ao Movimento Moderno. Mas, ao contrário de outros, talvez mais velhos e imaturos, transformou a fidelidade em coisa inclusiva e não exclusiva. Daí a sua continuidade e a sua coerência e, sobretudo, a sua permanente contemporaneidade. Mas o que marcou profundamente a arquitectura portuguesa da segunda metade do século XX, ao longo dos seus anos de magistério e exercício profissional, foi a compatibilização desta convicção moderna com a tentativa de elaboração de um método e não com a defesa e transmissão de um código formal, foi a consideração da História como um instrumento operativo para a construção do presente, foi, não

só a consideração da Arquitectura na sua adequação construtiva e funcional, mas sobretudo como representação de cada um porque representa todos, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e imagem próprias.

Nunca se tratou, na sua obra nem no seu pensamento, de revogar o Movimento Moderno. Tratou-se de manter uma ordem arquitectónica com valor universal que o integrasse e redefinisse permanentemente. Sem produzir novos modelos, cada obra é um percurso de reflexão que, do sítio, abarca toda a cidade e no sítio fixa a forma, cada forma. Para Távora, servir o real não é rejeitar as aportações inegáveis do racionalismo e a ascese real que ele significa para a arquitectura. É tomar uma posição corajosa de busca — inquietante no aceitar que cada tema tem o seu carácter, a sua problemática específica, a sua expressão própria. Ao arquitecto de hoje só “um critério de experiência” é lícito; um critério que não recuse dado algum do real que, esse sim, existe, nunca como matéria a sujeitar a soluções apriorísticas e abstractas.

É interessante como, a partir do estímulo de recente e inacabado trabalho de Jorge Figueira (1), reli o pensamento de Ernesto Rogers e depois de Aldo van Eyck e aí fui encontrar convergências significativas com o pensamento de Távora, assim se demonstrando a sua actualidade e o seu compromisso com uma parte dos que, internacionalmente, se envolviam no debate disciplinar contemporâneo.

Em 1982, viajámos juntos, fomos a Sintra, a Setúbal e a

Évora. Van Eick feliz por reencontrar o Arquitecto Távora e relembrar os últimos CIAM e a sua ancestralidade portuguesa, pelo lado da mãe, emocionado com a visita ao Convento de Jesus em Setúbal, fazendo-se fotografar junto de um azulejo no claustro do Colégio, em Évora, representando um nobre joanino em quem encontrou semelhanças físicas evidentes. Discutimos o projecto da Casa dos Bicos, porque o tempo tinha chegado para juntarmos o novo ao velho, para redescobrirmos as qualidades arcaicas da natureza humana, as qualidades intemporais. Fomos, ainda, ao Mosteiro da Batalha, a caminho do Porto. Na Casa do Cipreste tínhamos estado com Alberto Sartoris, que se reconheceu admirador de Raul Lino, numa obra contemporânea dos primeiros vanguardismos modernos. São encontros destes que mudam um destino e o meu, certamente, mudou.

3. Távora trabalha e molda a pré-existência, usa-a como matéria de projecto. Relê nela o fluir da Históriae, aceitando sobreposições ou aposições estilísticas ou de linguagem, usa de todos os meios para o clarificar. Não prescindindo da investigação histórica e arqueológica, anota fases de desenvolvimento, dando-lhes sem moralismo, uma nova dignidade.

A intervenção actual é mais uma, desenhada com regras claras que resultam da interpretação da história, incluindo a contemporânea. A posição de Távora é tão activa e obrigatoriamente culta que pode actuar, também, restaurando, corrigindo, repondo ou, ao contrário, demolindo qualquer elemento espúrio que provoque opacidade na leitura clara da essência do projecto global, entendido como um processo colectivo de longa duração. Não ape-tece, por isso, ao referir as obras de Távora que trabalham sobre pré-existências, relevar como questão central a problemática do património. E digo isto porque, retirando o caso de algum

restauro, como eventualmente poderá ter sido a recuperação do Palácio do Freixo, de Nasoni, nas obras deste arquitecto que abordam a problemática da reutilização se cria uma ambígua atmosfera entre o antes e o agora, como se entre esses dois mundos, por vezes tão distantes temporalmente, não existissem, de facto, descontinuidades ou rupturas estruturais. É a invenção absoluta de um tempo ilusório, cujo fluir se fixa num único momento que tem o valor metafísico da eternidade. A sequência dos sedimentos não constitui uma narrativa linear que tenhamos que percorrer. Existem, estão presentes, lêem-se e constituem-se como cenário que conforma e qualifica o espaço onde vivemos a nossa contemporaneidade e até o nosso futuro, como se o princípio e o fim e o intervalo se cristalizassem numa síntese intemporal. É interessante que em plena cultura ocidental se produza este espaço e este tempo absolutos, como se do oriente nos tivesse chegado esta serenidade que procura evitar o cansaço do percurso físico. Restaurar, recuperar ou reutilizar é, assim e sempre, para Távora, a busca de uma síntese que recolha o fluir do tempo e possa acolher serenamente o futuro. A desejada leitura daquele processo dinâmico não deve por em causa a ordem estática do espaço. Neste aparente paradoxo se constrói o conceito para cada projecto, sendo que este será, sempre, decorrente de exaustiva análise formal e histórica de cada objecto arquitectónico. É, evidentemente, uma leitura pessoal porque tem implícita uma vontade artística de formalizar uma transformação. É essa subjectividade que marca a diferença entre a posição do arquitecto e a do positivo cientista. É na escolha entre uma infinidade de soluções que se constrói a obra de autor a que Távora nunca renuncia. Talvez lhe pareça a melhor, talvez mesmo a única, mas não o é garantidamente. A introdução das novas funções ou, até, das novas

necessidades ambientais ou de conforto, retiraram o objecto em vias de “passar à eternidade” de qualquer neutralidade abstracta e colocam a contemporaneidade como tema paralelo e obrigatório. A actualização da preexistência vai cruzar contradições no método projectual e obrigar à heterodoxia.

A nova ordem resultante do desígnio e da necessidade é complexa e perversa e leva ao reconhecimento da impossibilidade de aplicação pura do modelo teórico e igualmente à consideração última de que o futuro será sempre incerto e a obra sempre sujeita a novas intervenções transformadoras.

Mas o potencial prazer de ser surpreendido pelo futuro está ausente na intensidade com que Távora vive o presente. O seu desejo de prazer, fez-lhe temer o futuro. As nuvens negras da destruição da paisagem natural e construída, produzidas pela substituição dos modos de produção, por nada que reconstrua, para ele, uma alternativa credível, transformaram a sua liberdade em obsessiva busca da ordem, da simetria, do equilíbrio clássico entre as partes, espécie de manifestação de resistência à desordem e ao seu próprio pessimismo. (2)

O que fica dito, concretizado em projectos desde o Convento da Costa e do Mosteiro de Refóios até aos mais recentes, para o denominado conjunto do Palácio do Freixo ou para a Casa dos Vinte e Quatro, ambos no Porto, é que Távora encontra a regra a partir do existente sempre legível em cada obra única e insubstituível.

O Anfiteatro da Faculdade de Direito de Coimbra é concebido com a mesma lógica, na leitura pessoal do seu autor, com que foram construídos todos os edifícios da Alta Universitária. É, por isso, objectual nas suas relações com a envolvente construída e com a topografia, não rompendo com a lógica das primeiras, antes se colocando, sem ruptura, na sua continuidade. É, por isso mesmo, clássico na sua







ortodoxia compositiva, moderno e historicista, porque a leitura da história confirma a justeza do desejo de modernidade.

A valorização hegemónica é sempre, apesar de tudo e inevitavelmente, a do seu projecto ordenador, para que a ordem, que é a sua aspiração, inclua todas as épocas, sem moralismos nem a-prioris estilísticos. Távora não quer habitar o caos, como se de esplendor se tratasse; quer habitar o próprio esplendor.

Estética e ética, ambas início e fim de um percurso, sempre inclusivo, de reflexão e desenho, fazem Távora atravessar o século como consciência permanente de que a analogia do belo com o bom não é a analogia do absoluto, mas a analogia da necessidade do limite (3). A sua lei moral impede-o de deixar espaço ao demasiado belo, aceitando o caminho da heterodoxia para atingir a utilidade da arquitectura.

4. Sabemos como da racionalidade romana, dificilmente aplicável a uma topografia como a de Aemínium, à desurbanização altomedieval, da cidade árabe à moçárabe, até à densificação intramuros e lento crescimento fora de muralhas dos primeiros séculos da nacionalidade, a zona alta de Coimbra teve mais um carácter defensivo do que realmente urbano. O seu limite poente, fixado pela Alcáçova, mostra-se como uma espécie de remate monumental da cidade que se estende abaixo, para poente e norte. Uma ampla zona florestada rodeava o morro, abrindo à apetência urbanizadora apenas o terreno plano a poente, estendendo-se até às margens do Mondego que, contra a secura estival, o ameaça com o seu caudal de inverno e primavera.

Santa Cruz instalada nosopé, lugar geométrico das

duas cidades, foi naturalmente polo geográfico, além de ideológico, do primeiro desenvolvimento moderno. O Palácio Real, ocupado pelos Estudos, foi estímulo para o segundo.

Se o espírito reformista de Santa Cruz pôde abrir a rua da Sofia, rua nova e direita em terreno plano e dedicá-la à sabedoria, construindo colégios em banda que lhe deram a forma, a Universidade recém-instalada provocou algum crescimento espontâneo, de desenho orgânico na adaptação a uma topografia difícil e, ao mesmo tempo, a fixação de alguns grandes colégios que, sem uma estrutura viária prévia e racional, se implantaram com grande autonomia formal.

Se na Baixa se fez cidade, na Alta construiu-se uma acrópole com monumentos de grande valor objectual. Dos que restam, ainda que parcialmente mutilados ou acrescentados, para além dos que constituem o Pátio das Escolas, o Colégio de Jesus, o novo Colégio das Artes, o Colégio de S. Jerónimo e o de S. Bento, são bons exemplos. Não cabe neste texto uma análise detalhada do processo que fez desaparecer num curto espaço de tempo parte importante da cidade, ruas, monumentos, cafés e leitarias, casas de penhor e barbearias, a população inteira de um bairro de que fazia parte a presença permanente de estudantes.

É interessante saber que tudo começou pela consulta a um grupo de professores e que do seu parecer resultou a constituição da denominada Comissão Administrativa das obras da Cidade Universitária que viria a conduzir, até ao fim, toda a operação. Que o Estado Novo tenha lançado o projecto e disponibilizado os meios compreende-se. Que não tenha havido nenhum protesto da população ou dos estudantes compreende-se. Mais difícil

é entender a espécie de consenso generalizado da “inteligência” universitária sobre a sua aceitação.

Perderam-se usos, tradições, costumes, modos de vida. Nada voltaria a parecer-se com o que fora, o que, em si, não é forçosamente negativo. É, apesar de tudo, interessante verificar como o Plano da Cidade Universitária teve em conta o que atrás foi dito e extremou esse caminho, destruindo o que de espontâneo e pitoresco existia, estabelecendo uma malha concebida para sustentar grandes objectos individualizados. Dos antigos deixava, apenas, os que garantiam uma escala, principal elemento unificador do conjunto. É esta cidade de objectos monumentais, com alguma ridícula mais valia de perspectivas de sabor imperial e menor valia na qualidade dos projectos, que Távora encontrou como objecto de reflexão, agora connosco partilhada pela leitura da sua obra. Távora retoma os valores do lugar, procurando, no seu sítio, salientar a estrutura própria e imbatível, sem moralismos sobre a sua qualidade e sem nostalgia do passado, o que não é o mesmo que sem memória. Assim limpou o terreno, valorizou a leitura da topografia, salientando a ideia de acrópole onde se apoiam objectos soltos, acentuando descontinuidades e a individualidade formal a que tentou fazer corresponder uma individualidade programática que, retirando o objecto da abstracção, lhe conferiu significado. Começou a redesenhar a encosta poente, endurecendo a leitura dos altos muros de suporte,

clarificando e dando novo sentido à antiga cerca. Construiu para ela novos contrafortes. Sujeitando, com grande radicalidade, a construção a uma composição de geometria elementar de eixos ortogonais e consequentes simetrias, nos planos horizontal e vertical, soltou um volume cúbico de grande nitidez, amaciado pela figuração de elementos estruturais à sua escala. Este tratamento figurativo pertence-lhe exclusivamente e salienta a sua individualidade em escala própria, diferente dos cubelos do Palácio Real. A Biblioteca Joanina é um paradigma do mesmo entendimento e até as Escadas de Minerva, sendo ligação e por isso criando continuidades de percurso, são objectuais a ponto de se constituírem como um espaço interior bem delimitado.

5. O Anfiteatro da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra é apenas mais uma obra a confirmar a coerência conceptual e metodológica de Távora.

Foi um sinal auspicioso, numa cidade que não se tem visto a reagir positivamente na salvaguarda do que lhe resta, que é tanto e tão destruído, e no que se faz de novo, que é tanto e tão mau. O debate que este projecto provocou foi o primeiro resultado positivo da guerra que a própria Universidade abriu. A batalha foi ganha, outras se lhe seguirão, com Gonçalo Byrne no Plano da Alta e no Museu Machado de Castro, Mendes Ribeiro no Laboratório Químico e nas antigas Caldeiras, com Álvaro Siza ali ao lado, esperemos.

* *FCTUC.Darq*

Notas

(1). FIGUEIRA, Jorge, *A Periferia Perfeita*, Dissertação de Doutoramento, em fase de elaboração.

(2). COSTA, Alexandre Alves, *Cumplicidades*, “J-A”, n.º 213, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, Novembro/Dezembro 2003.

(3). COSTA, Alexandre Alves, *Da necessidade do limite*, “96 Conversas”, Porto, AE FAUP, 1997.

Breves

Professor Doutor José Simões Redinha uma homenagem internacional

Está a passar quase despercebido em Portugal e, sobretudo, em Coimbra um facto da maior relevância para a imagem da Ciência Química portuguesa e para a nossa Universidade. Aquela que é, talvez, a mais prestigiada revista científica internacional no domínio da Termodinâmica – The Journal of Chemical Thermodynamics – publicada pelo gigante editorial Elsevier, dedicou um número especial da revista (Outubro de 2007) em honra do Professor Doutor José Simões Redinha, por ocasião do seu 80.º aniversário.

O Professor Simões Redinha nasceu em Campizos – Condeixa, em 19.Out.1927. Fez a sua carreira académica na Universidade de Coimbra e os estudos para doutoramento no Imperial College de Londres (em 1956-1958) na especialidade de Termodinâmica Química, a que se tem dedicado desde então e na qual fez escola na nossa Universidade, no Departamento de Química da FCTUC e na Faculdade de Farmácia. Estudou (e continua a estudar), em particular, as interacções moleculares e iónicas, principalmente em soluções aquosas, e os seus efeitos energéticos, quer no domínio experimental, quer na interpretação teórica e físico-química. Até agora publicou mais de 80 artigos científicos, parte significativa dos quais após a jubilação, há dez anos, tendo orientado 25 teses de pós-graduação em Coimbra. Para além da sua destacada actividade lectiva e científica, o Doutor José Simões Redinha, que pessoalmente se pode caracterizar pelo rigor das ideias e princípios que defende com intransigência, respondeu sempre às solici-

tações que, em razão do alto valor e competência que se lhe reconhecem, a instituição universitária lhe foi dirigindo ao longo dos anos. Foi o primeiro Director da Faculdade de Ciências e Tecnologia (1972-1974), logo após a criação desta, depois de ter ocupado idêntico lugar na Faculdade de Ciências, que a antecedeu. Nessa qualidade foi responsável pela introdução e arranque dos cursos de licenciatura em Engenharia na Faculdade.

Antes disso (1963-1966) contribuiu para o estabelecimento da Química na Universidade de Lourenço Marques, em Moçambique, cujos laboratórios equipou e dirigiu. Mesmo depois da adopção da nova orgânica da FCTUC desempenhou por diversas vezes, nos anos de 1980/1990, o cargo de Presidente do Departamento de Química (e da sua Comissão Científica), sempre que para tal foi chamado, por eleição do claustro ou por inerência da sua condição de professor decano. A acção do Professor Simões Redinha não se confinou aos seus laboratórios na Universidade: desempenhou funções na EURATOM e na EUROCHEM, tendo sido responsável pela criação e direcção de estruturas

formais para ligação da Universidade de Coimbra à Indústria. Figura de referência na Química portuguesa há quase meio século, é membro da Academia das Ciências há largos anos.

Por tudo isto, o Doutor José Simões Redinha, catedrático jubilado da Universidade de Coimbra, vê agora a sua actividade de cientista homenageada internacionalmente, com plena justiça, pela publicação de um número especial do Journal of Chemical Thermodynamics, que inclui artigos científicos especialmente escritos em sua

honra por professores de Coimbra (naturalmente) e das Universidades do Porto e de Lisboa, de Israel, de Itália, de Espanha e da Alemanha, entre outras, que dão conta do apreço e do alcance dos trabalhos de Simões Redinha como investigador no vasto domínio da Termodinâmica Química. É um facto de muito relevo que não pode passar sem o devido registo na Universidade de Coimbra.

Lélio Quaresma Lobo

Centro de Documentação 25 de Abril Espólio de Flausino Torres oferecido

No dia 27 de Março foi oficialmente entregue ao Centro de Documentação 25 de Abril mais um importante arquivo pessoal, que integra documentos fundamentais para o estudo da história política do século XX. Trata-se do espólio do professor, jornalista, historiador e militante oposicionista Flausino Torres, oferecido por decisão da família, anunciada em Dezembro de 2006 e agora concretizada. Paulo Torres Bento, seu neto, também ele historiador, define-o, na obra Flausino Torres, documentos e fragmentos biográficos de um intelectual antifascista, (Porto: Afrontamento, 2006), como “alguém que pelo seu percurso político e intelectual foi um participante activo em alguns dos mais decisivos momentos do século XX português e europeu”. Nascido em Almeida em 1906, Flausino Torres viveu em Tondela a partir dos dez anos. Em Coimbra, onde chegou em 1925 e se licenciou em Histórico-Filosóficas em 1932, “foi contemporâneo das primeiras lutas académicas contra

a ditadura militar de 28 de Maio, foi director-bibliotecário da Associação Académica, secretário da loja maçónica A Revolta, e revisor da Imprensa da Universidade até ao seu encerramento compulsivo por ordem de Salazar”.

Foi activista do PCP, do MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista) e do MUD (Movimento de Unidade Democrática) na década de 40, conferencista da Universidade Popular e autor de várias obras publicadas na Biblioteca

Cosmos. Em Tondela, para onde voltou em 1947, participou activamente nos combates da oposição em 1949 e 1958, tendo tomado posições que lhe valeram a prisão e a interdição de ensinar, passando então à condição de pequeno agricultor.

Para evitar ser de novo preso, partiu para o exílio em 1963, primeiro em Argel, onde militou na FPLN (Frente Patriótica de Libertação Nacional), depois na Roménia e na Checoslováquia, onde deu aulas na Universidade até 1968, quando foi

expulso do PCP ao reagir contra a posição oficial do partido sobre a invasão de Praga pelos tanques soviéticos. Regressou a Tondela em 1970 e aí morreu em Dezembro de 1974.

O seu arquivo é constituído por cinco caixas, contendo documentos políticos e correspondência, originais de muitos dos livros que publicou e um CD-ROM com fotografias digitalizadas.

Grande parte dos documentos mantém-se inédita, destacando-se o Diário de Prisão (Novembro de 1962- Janeiro de 1963), Relatório para a Direcção do PCP (Argel, 30 de Agosto de 1966) e Notas manuscritas de uma segunda conversa com Álvaro Cunhal (Praga, Outubro de 1967).

Caminhos de Futuro

Novos mapas para as Ciências Sociais e Humanas

Catarina Martins, Margarida Calafate Ribeiro, Marisa Matias, Paulo Peixoto e Tiago Santos Pereira *

O Centro de Estudos Sociais (CES) celebra este ano 30 anos de actividade de investigação, marcada pelo diálogo entre as ciências sociais e humanas e a reflexão crítica. Elegendo a sociedade actual e as suas tensões como elementos agregadores de uma reflexão transdisciplinar, cada vez mais internacionalizada, a investigação desenvolvida no CES tem-se reflectido em projectos marcantes pela análise que promovem e pelo lançamento de novas pistas e formas de olhar o mundo.

Ao longo dos anos, este trabalho de investigação tem vindo a ser reconhecido através de avaliações internacionais, tendo daí resultado a atribuição do estatuto de Laboratório Associado pelo Ministério da Ciência, em 2002. Em constante desenvolvimento, o CES alberga hoje uma vasta equipa de investigadores, para além de um elevado número de Pós-doutorandos, de alunos de Doutoramento e de Investigadores Visitantes, criando um elevado dinamismo e interacção. Avança agora uma fase de expansão, através do recentemente criado CES América Latina, na Universidade Federal de Minas Gerais, e do projecto, já em andamento de criação, do CES-África e do CES-Ásia.

30 anos de passado e de futuro são motivo de comemoração e, por isso, o CES está a preparar um conjunto de iniciativas, ao longo deste e do próximo ano, de que destacamos dois colóquios internacionais: “Caminhos de Futuro – Novos Mapas para as Ciências Sociais e Humanas”, de 18 a 21 de Junho de 2008, e “Portugal: Retratos Plurais”, em 2009. Em ambos os casos prevê-se a edição de obras colectivas, que seguramente marcarão as discussões

sobre as ciências sociais e humanas e sobre a reflexão que se tem vindo a produzir sobre a sociedade portuguesa.

O Colóquio prevê um concerto de A. Pinho Vargas com José Nogueira e três dias de sessões a decorrer nos Auditórios da Faculdade de Direito e da Reitoria da Universidade de Coimbra.

Este Colóquio pretende promover uma reflexão – que é também uma auto-reflexão – sobre as relações, os diálogos e as tensões que marcam os territórios das ciências sociais e humanas e os diferentes contextos em que elas se desenvolvem, quer a nível geográfico (nacionais, regionais e globais), quer a nível da sua inserção social. No programa do Colóquio esta reflexão desdobra-se, em sete temas transversais, que procuram traduzir a pluralidade e a amplitude das actividades desenvolvidas no CES: As Ciências Sociais e Humanas: complementaridade necessária?; Teorias, Metodologias de Investigação e de Intervenção: analisar para transformar?; Interculturalidade e Pós-Colonialismos: é possível a igualdade na diferença?; A Universidade do Futuro: há lugar para as Ciências Sociais e Humanas?; Políticas Sociais e Novos Riscos Públicos: é possível combinar complexidade com equidade?; Governação e Dinâmicas Sociais Contemporâneas: um mundo de diversidades ou de homogeneidades?; Globalização, Paz e Democracia: são possíveis alternativas à violência? Sete sessões temáticas com duas intervenções – uma, protagonizada por um investigador do CES, e outra por um convidado e comentadas seguindo o mesmo modelo, ou seja, por um investigador do CES e por um convidado. Desta forma, este colóquio colocará em diálogo investigadores do CES com

investigadores estrangeiros como Marilena Chauí (U. S. Paulo), Mary Layoun (U. Wisconsin-Madison), Ramón Grosfoguel (U. California, Berkeley), Valentin Mudimbe (U. Duke), Shiv Vishvanathan (Instituto Dhirbhai Ambani) Bruno Amable (U. Paris), Chantal Mouffe (U. Westminster), e outros investigadores portugueses como Miguel Vale de Almeida (ISCTE), Cláudio Torres (C. Arqueológico Mértola), Ana Gabriela Macedo (U. Minho), Luiza Cortesão (U. Porto), Graça Carapinheiro (ISCTE), António Figueiredo (U. do Porto) e Manuel Villaverde Cabral (ICS). Com as sessões propostas pretende-se contribuir para a criação de um espaço de discussão sobre o futuro das ciências sociais e humanas – ou melhor, sobre as ciências sociais e humanas do futuro. As formas de institucionalização serão também discutidas com responsáveis de organizações intermediárias na mesa redonda final “Cartografando futuros:

Ciências Sociais e Humanas”, com a participação de Emir Sader (Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales), Teresa Cruz e Silva (Council for the Development of Social Research in Africa), Helga Nowotny (European Research Council), Sigrid Weigel (Centro de Investigação em Literatura, Berlim) e Lígia Amâncio (FCT). Com esta sessão pretende-se também que a discussão ultrapasse os limites do ‘Espaço Europeu de Investigação’, considerando como parceiros fundamentais os diferentes espaços de investigação, e assim promover, também aqui, a abordagem das questões Norte-Sul nas ciências sociais e humanas. Ao propor discutir Novos Mapas para as Ciências Sociais e Humanas, o Colóquio de abertura das comemorações dos 30 anos do Centro de Estudos Sociais sustenta-se nas linhas que consolidaram o CES. Mas procura, sobretudo, traçar novas linhas para fazer fluir os próximos 30 anos, e os mais que venham.

** A Comissão Organizadora do Colóquio “Caminhos de Futuro – Novos Mapas para as Ciências Sociais e Humanas”*



120 anos de Tuna Académica da Universidade de Coimbra:

António Nascimento *

Numa Academia secular, como é a Universidade de Coimbra, que ao longo dos seus 718 anos tem mostrado o seu incomparável valor tanto na educação como na vida pública do país, existe um Organismo académico, também ele secular, que, dedicado à música e demais expressões artísticas, preenche igualmente as páginas da História da cidade de Coimbra, da sua Universidade e, num sentido mais global, de Portugal.

Fundada em 1888, surge da popularidade da actividade musical entre os escolares na 2.^a metade do século XIX, que com a extinção da orquestra do teatro académico e com a passagem da Estudantina de Santiago de Compostela por Coimbra sentiram a necessidade de criar um agrupamento musical semelhante não só para retribuir a visita aos estudantes espanhóis mas também para levar Coimbra representada musicalmente a outros centros de Portugal.

A sua inicial formação era maioritariamente constituída por estudantes sendo que o seu primeiro regente efectivo era professor de música da Universidade, António Simões de Carvalho Barbas, e o seu primeiro presidente um dos fundadores da Associação Académica de Coimbra, o estudante Artur Pinto da Rocha.

Apresentando-se várias vezes pelo país em saraus de homenagem e de beneficência apenas dez anos após a sua formação consegue digressar a Santiago de

Compostela sob a presidência do então estudante de Medicina, Egas Moniz, um dos mais notáveis estudantes da Universidade de Coimbra, laureado com o Prémio Nobel, que sem nenhum instrumento saber tocar se juntava ao grupo com os seus eloquentes discursos onde demonstrava o seu orgulho por ser estudante e por sê-lo em Coimbra.

A “Estudantina de Coimbra” como era conhecida, para além da orquestra que juntava o agrupamento clássico de violinos, flautas e clarinetes ao popular, com as guitarras e bandolins, fazia-se igualmente acompanhar de Grupos de Teatro e de Guitarra e Canto de Coimbra, constituindo um espectáculo variado e uma abrangência cultural que era igualmente complementada por discursos e recitação de poesia. Deste modo há que realçar que a música surgia como uma actividade extra-escolar que reunia estudantes dos mais diversos cursos universitários e com as mais variadas ambições, não sendo de estranhar as várias personalidades que dela fizeram parte e que se notabilizaram por uma actividade profissional distinta da música como os escritores António Nobre e Vergílio Ferreira, assim como os médicos Sobral Cid e o já referido Egas Moniz, entre outros.

Reconhecida por várias denominações adopta como nome oficial “Tuna Académica da Universidade de Coimbra” levando o espírito da Cidade do Mondego por Portugal continental e insular, assim como por

vários países da Europa, América, Ásia e África, tendo como referência das suas representações internacionais a Viagem ao Brasil em 1925, o Périplo de África em 1956 e a Digressão ao Extremo Oriente em 1970. Nesse mesmo ano foi recebida na residência de férias do Papa Paulo VI, onde se interpretou fado e guitarradas de Coimbra.

Nestas deslocações, para além do enriquecimento cultural por parte dos estudantes que delas fizeram parte, nomeadamente nas viagens ao Brasil e às ex-colónias portuguesas de África, evocou-se a intraduzível Saudade de Coimbra como que materializando a voz do poeta que exclama “ter saudades dela quem nela nunca viveu” o que certamente ficou comprovado com as ovações de sentida emoção desenhada no rosto de quem partilhava os momentos de um espectáculo protagonizado pela Tuna de Coimbra.

Com este cariz musical, ao longo dos seus 120 anos de existência, vários foram os grupos formados na Tuna Académica da Universidade de Coimbra sendo de destacar o Ensemble de Plectros “Carlos Seixas” que homenageando este reconhecido compositor de Coimbra divulgava obras interpretadas por instrumentos de plectro como o bandolim, bandola, e cravo. É igualmente de destacar a vasta diversidade destas “variedades” como a existência de Orquestra de Tangos, Grupo de Música Popular, Grupo de Música Antiga, Orquestra Ligeira e mais recentemente uma Big Band, entre outros.

À parte da produção própria dos seus vários grupos a Tuna Académica da Universidade de Coimbra destacou-se também pela organização de eventos em Coimbra dos quais se podem referir 5 Ciclos de Sinfonia e 5 Ciclos de Música Instrumental dando a conhecer a esta cidade os mais distintos agrupamentos e individualidades, desde o compositor António

Vitorino d’Almeida, Paco de Lucia e Carlos Paredes a Orquestras como a Orquestra Nacional do Porto, Orquestra de Bandolins da Madeira, Filarmonia das Beiras, entre outras, não sendo de deixar de referir inúmeros grupos de formação mais pequena de vários pontos da Europa, assim como a participação de grupos dos mais diversos estilos de música desde a música medieval à música mais moderna como o Jazz.

Dos grupos de Canção e Guitarra de Coimbra, que incontornavelmente estão associados à Tuna Académica, fizeram parte grandes vultos dos quais se poderia citar uma vasta lista, mas pela sua destacada importância referem-se como representativos de toda uma tradição e de uma forma de pensar: Artur Paredes e Zeca Afonso, um por sublime genialidade de inovação na guitarra de Coimbra e outro pela aspiração sincera de Liberdade.

Pelo seu trabalho e pela reputação que atingiu não só a nível local mas com bastante relevância a nível nacional e internacional, a Tuna Académica foi agraciada com as mais honrosas distinções, como a Comenda da Ordem Militar de Cristo e a Comenda da Ordem de Benemerência, Medalha de Ouro das cidades de Coimbra e Leiria assim como a Cruz do Ayuntamiento de Oviedo e a Medalha “Pro-Musica” do Ministério da Educação Belga. O que mostra que cumprindo a função divulgadora da arte musical não se deixa de lado o esforço e dedicação para apresentar um trabalho de qualidade que, mesmo em circunstâncias amadoras, tendem a não representar uma limitação à férrea vontade dos estudantes de musicalmente contribuírem para um enriquecimento cultural de si próprios e daqueles que atentamente os escutam.

A sua relevância musical tornou-se mais evidente quando na década de oitenta se criou uma Escola de

Música, com o intuito de proporcionar aos estudantes uma formação musical mais sólida na teoria musical e na prática instrumental, o que servia não só para melhorar a qualidade artística dos grupos mas também para proporcionar formação a quem com poucos conhecimentos musicais pretendia fazer parte desse convívio. De referir o pioneirismo desta Escola no ensino por pauta de Guitarra Portuguesa, que daria uma forma mais sistemática e autónoma de aprender este instrumento, o que até então se fazia habitualmente sem suporte escrito em notação musical. Desta iniciativa surgiu, no âmbito das comemorações do 115.º aniversário da Tuna Académica da Universidade de Coimbra um “Método de Guitarra Portuguesa” que consolida a vontade de perpetuar a tradição deste instrumento tão português, que sempre acompanhou a música de Coimbra.

Numa iniciativa mais intrinsecamente ligada aos instrumentos musicais, desenvolveu-se também na década de oitenta uma Oficina-Escola onde era dada formação de construção de instrumentos. Iniciativa esta da qual se destacou o formando e depois formador Fernando Meireles que desenvolve, nas instalações da Tuna Académica de Coimbra,

a sua actividade tornando-se uma referência na construção de sanfonas, bandolins e guitarras portuguesas.

Assim se conclui que todo o trabalho desenvolvido pela Tuna Académica da Universidade de Coimbra não se restringiu apenas à prática musical nos ensaios e concertos, tendo toda uma dimensão organizativa igualmente importante que mostra uma participação e capacidade criativa extraordinárias na comunidade estudantil da Universidade de Coimbra.

Mesmo neste amadorismo, no sentido não só de não profissionalismo mas também na perspectiva do amador que ama a actividade que realiza, a Tuna de Coimbra não saiu indiferente dos lugares por onde passou ao longo dos 120 anos das suas estórias. O mesmo poderão dizer os 120 anos de gerações de estudantes que não viram neste Organismo uma actividade musical de circunstância, mas um convívio de peculiares contornos onde a Medicina se associa ao Direito e as Ciências às Letras; onde cada um não é as matérias que estuda, nem o instrumento que toca, mas um conjunto que, unido, consegue transmitir a singularidade de ser estudante de Coimbra.

** Presidente da Direcção da Tuna Académica da Universidade de Coimbra*

O Departamento de Ciências da Terra:

um olhar no passado com o futuro no horizonte

Alcides Pereira *

O Departamento de Ciências da Terra, criado em 1991, é o herdeiro do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, cuja origem remonta a 1911. Tem por objectivos fomentar o desenvolvimento das Ciências da Terra, promover e executar investigação naquela área científica, garantir a realização de cursos de licenciatura e de cursos de pós graduação e, entre outras missões, apoiar a comunidade na resolução de problemas do âmbito da sua esfera científica.

Os antecedentes do estudo e do ensino das Ciências da Terra na Universidade de Coimbra remontam à criação em 1772, pela reforma pombalina, do Museu de História Natural, inicialmente incluído na Faculdade de Filosofia e instalado no restaurado Colégio de Jesus, onde ainda hoje o Departamento da Ciências da Terra continua a desenvolver as suas actividades.

O pioneiro do ensino da Mineralogia, Geologia e também da Zoologia foi Vandelli; um dos seus discípulos foi José Bonifácio d'Andrada e Silva, famoso mineralogista e primeiro professor de Metalurgia na Universidade de Coimbra, além de Intendente Geral de Minas e mentor da independência do Brasil.

Em virtude da sua já longa existência não surpreende, por conseguinte, que disponha de um assinalável espólio de carácter documental, cartográfico e instrumental, para além de colecções únicas de minerais, fósseis e rochas. Contribuiu também para a formação

de inúmeros especialistas na área das Ciências da Terra, a nível da licenciatura e pós-graduação.

Os trabalhos desenvolvidos por estes especialistas propiciaram um conhecimento mais profundo da geologia de Portugal, suporte das actividades de prospecção e exploração de recursos geológicos, que, em especial durante todo o século XX, contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento económico do País.

Os trabalhos de reconhecimento geológico não se limitaram, no entanto, ao espaço físico do território continental, ou das suas ilhas atlânticas, tendo englobado também os territórios das antigas províncias ultramarinas, hoje o espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Das diversas missões em que participaram membros do então Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico ficou em depósito assinalável espólio bibliográfico e cartográfico; registre-se que os resultados de muitos dos trabalhos realizados no espaço lusófono ficaram vertidos em artigos científicos publicados na revista “Memórias e Notícias”, editada pelo Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico e dada à estampa, pela primeira vez, em 1921, e que se manteve assim, de forma quase ininterrupta, até muito recentemente.

As actuais limitações financeiras, bem como as orientações da tutela no sentido de privilegiar

as publicações estrangeiras em detrimento das nacionais, tem causado naturalmente dificuldades à publicação regular da revista. Solidamente fundado num passado de que se orgulha, o Departamento de Ciências da Terra tem efectuado uma adaptação às exigências do presente, através de uma oferta diversificada de formação graduada e pós-graduada, formatada já segundo o modelo de Bolonha, que corresponda às necessidades de desenvolvimento do país.

Se, no passado, a investigação na área das Ciências da Terra fomentada na Instituição foi importante à Sociedade, certamente continuará a sê-lo no futuro, contribuindo assim para ultrapassar os desafios que se projectam no horizonte, designadamente no apoio ao aproveitamento e à gestão sustentável dos recursos geológicos, na sua acepção mais lata integrando os solos e os recursos hídricos; na concepção de novos materiais; na prevenção, minimização e remediação dos impactes associados a desastres naturais, através do estabelecimento de adequados planos de ordenamento onde os mapas de risco, elaborados na base de informação geológica, podem ser decisivos; no controlo das alterações climáticas, através do reconhecimento dos mecanismos

envolvidos no ciclo do carbono, no presente e no passado; no desenvolvimento e implementação de energias alternativas bem como de metodologias que tornem possível o sequestro geológico do CO₂; no conhecimento das relações entre o mundo orgânico e inorgânico, por exemplo através da avaliação dos impactes dos factores de origem geológica na saúde humana (elementos químicos, poeiras, radionuclidos), possibilitando uma interacção estreita com a biologia e a medicina; no aproveitamento das novas tecnologias de comunicação na divulgação e disseminação do saber geológico. E, naturalmente, sem esquecer a retoma das ligações com os países da CPLP, carentes, em geral, de recursos humanos na área das Geociências, a qual deve ser uma prioridade. Estes objectivos integram também os tópicos do Ano Internacional do Planeta Terra, iniciativa da UNESCO a decorrer no triénio 2007-2009, com o propósito de divulgar as Geociências e o seu papel no desenvolvimento sustentável do Planeta, e que o Departamento de Ciências da Terra tem o grato prazer de se associar; neste sentido estão previstas várias iniciativas as quais estão detalhadamente descritas em www.dct.uc.pt.

Avaliação da Actividade Física Habitual

avanços tecnológicos
[estudos por acelerometria]

Aristides M. C. Machado Rodrigues * | Manuel J. C. Coelho e Silva ** | Jorge Mota ***

Nas sociedades contemporâneas a inactividade física é colocada no centro das atenções das políticas de promoção da saúde e qualidade de vida. As autoridades de saúde pública começam a desfocar-se das doenças infecto-contagiosas para dedicar especial atenção às de estilo de vida.

Os estudiosos dedicados às ciências da actividade física [exercise sciences] classificam dois grupos de técnicas: os diários e questionários, fortemente dependentes da colaboração e da memória dos inquiridos, por outro lado, os dispositivos tecnológicos como os cardio-frequencímetros, pedómetros e acelerómetros. Existem ainda métodos invasivos como a água duplamente traçada [tida como golden criterion para validar metodologias que pretendem estimar o dispendio energético]. A administração deste método resulta num custo de investigação de 100 euros por observado, senda limitada para estudos epidemiológicos, porque requer aparato tecnológico no cálculo da taxa de eliminação do hidrogénio marcado $2\text{H}_2\text{O}$ e do carbono marcado [H_2^{18}O e C^{18}O_2]. Os dados providenciados pela acelerometria traduzem a motricidade humana em contagens de movimento, baseando-se essencialmente no deslocamento do centro de gravidade. Adicionalmente, poder-se-á estimar o total de energia despendida com recurso a regressões que associam os equivalentes

metabólicos à quantidade de movimento por unidade de tempo, considerando a massa corporal. Vários estudos mostram a dificuldade em converter as contagens de movimento em dispendio energético, uma vez que existe uma substancial variância inter-individual relacionada com a eficiência mecânica.

O mercado disponibiliza diversos modelos de acelerometria que se diferenciam pela capacidade de armazenamento de dados, dimensões, waterproof, capacidade de medição a partir de um único eixo ou de vários eixos (multiaxiais) e custo de aquisição. Os acelerómetros uniaxiais são os mais aconselháveis para a mensuração do padrão de actividade física durante vários dias. Estes sensores contêm um único eixo vertical que gera um sinal eléctrico proporcional à força que é exercida sobre ele, permitindo medir e registrar as acelerações de magnitude aproximadamente entre 0,05 e 2 G e com uma frequência de resposta de 0,25 até 2,50 Hz. Estes parâmetros permitem detectar o movimento humano, rejeitando outras fontes de movimentos (e.g., andar de automóvel).

É um instrumento electrónico de dimensões reduzidas ($5.1 \times 3.8 \times 1.5$ cm) e funciona com uma pilha AA de lítio (0.5 volts) que tem a duração aproximada de quatro a seis meses, dependendo do intervalo de tempo com que são armazenadas as contagens (epoch).



O sinal de aceleração registado é filtrado por um filtro bandpass e, posteriormente, transformado através de um conversor digital de 8 bits, em 10 amostras por segundo. Os dados registados pelo sensor são uma série de valores (contagens), representando o volume e intensidade de movimento de cada ciclo. Estes aparelhos são acoplados habitualmente à cintura através de uma pequena bolsa de nylon.

40

Para melhor se entender o porquê da maior actividade física de uma população em relação a outra ou para estudar a associação entre a dose de actividade física e os outcomes da saúde e aptidão metabólica, precisamos de proceder à mensuração

objectiva e ecológica da actividade física. São estes os propósitos do projecto ACTIVJOV que está a avaliar a actividade física da população pediátrica escolas dos distritos de Coimbra, Viseu, Leiria e Castelo Branco, com o objectivo de estudar a variação sociogeográfica do sedentarismo [número de sujeitos que não realizam pelo menos 60 minutos diários de actividade física de intensidade moderada e vigorosa estabelecido por guidelines internacionais], bem como as diferenças relacionadas com o masculino e feminino ou ainda a associação multivariada da actividade física e da aptidão física ligada à saúde [aptidão aeróbia, endurance muscular, flexibilidade e adiposidade].

Ao Largo

ENTREVISTA

VISITA GUIADA

criação literária

LUGAR DOS LIVROS



EPIFÂNIO DA FRANCA

assessor de programação para a X Semana Cultural da Universidade

João Mesquita

“O importante é o conhecimento, não é o diploma”.

A palavra que mais emprega, em mais de hora e meia de entrevista, talvez seja “competitividade”. O académico e empresário José Epifânio da Franca, prémio Universidade de Coimbra (UC) em 2008, está nitidamente apostado em demonstrar que, sem se estar preparado para a enfrentar, é impossível vencer o combate do desenvolvimento. Nem sequer a luta pelo emprego.

É inevitável começar por aqui: que significado atribui à concessão do prémio Universidade de Coimbra 2008?

É uma pergunta difícil. A verdade é que foi uma enorme surpresa, tanto mais que o prémio nunca tinha sido atribuído a gente da área da tecnologia. Mas é claro que foi uma grande honra. Espero, agora, merecer a confiança das pessoas que mo atribuíram.

Porquê tanta surpresa?

Em primeiro lugar, porque há pessoas que fizeram tanto ou mais do que eu e que, portanto, mereciam tanto ou mais do que eu este prémio. Por outro lado, quem está na vida e trabalha, como eu, sem nunca pensar nisso, receber um prémio é sempre uma grande surpresa.

Tem, ou teve, alguma ligação à UC?

Nunca. O único contacto foi aqui há uns anos, quando fiz parte da comissão de avaliação das universidades e, em consequência, tive possibilidade de avaliar alguns cursos da Universidade de Coimbra. Já nem me lembro bem quando foi. Talvez há uns seis, sete anos... De resto, só contactos informais — e não muito regulares — com colegas.

A propósito: a UC torna a ser muito discutida. Mesmo no seu interior, há quem ache que ela perdeu influência, que se regionalizou, que forma demasiada gente para o desemprego... Para o sr., que está de fora, alguma, ou algumas, destas observações faz sentido?

Vamos aos factos. A UC, com os seus 718 anos, é a mais antiga universidade do país e a segunda mais antiga da Europa. O que, sendo notícia em si mesmo, e atribuindo à instituição um papel insubstituível, levanta questões. Hoje, os centros

QUEM É O PREMIADO

José Epifânio da Franca nasceu em Lisboa, a 2 de Janeiro de 1955. Boa parte da adolescência passou-a, porém, em São Tomé e Príncipe, onde os pais tinham uma farmácia. Na capital portuguesa, só fez a quarta classe e os antigos segundo e sétimo ano do liceu — nestes dois últimos casos, no Camões. Razões de saúde obrigaram-no a instalar-se na casa lisboeta de uns avós. Em 1978, licencia-se em Engenharia Electrotécnica pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa (IST). Depois, doutora-se pelo Imperial College of Science de Londres. Actualmente, é professor convidado do IST e professor adjunto da universidade chinesa de Hong-Kong. Actividades — esta última de carácter mais simbólico — que acumula, a partir de 1977, com a direcção da Chipidea, uma

de saber tendem a disseminar-se. O que cria novas condições de competitividade. O simples facto de se deixar de ser único representa sempre uma perda de influência. Mas isso não tira importância à instituição. Num mundo aberto e exigente como o nosso, obriga é a ter a coragem de competir. Não penso que o caso da UC seja diferente do de outras universidades. O importante é que ela não se deixe fechar. A forma de enfrentar os desafios de hoje, pelo contrário, passa por nos abrimos e continuar a lutar pela liderança.

E como olha para o conjunto do ensino universitário em Portugal?

Com alguma preocupação. Olhando para os factos, os indicadores mostram que a universidade portuguesa tem grandes desafios pela frente, nomeadamente o da resolução do problema da falta de emprego para os licenciados, resultante de um desfasamento entre a procura e as necessidades do tecido económico. Há que reflectir sobre isto, tanto mais que a situação parece um absurdo, num mundo em que é cada vez mais necessário o emprego qualificado.

Quem são os responsáveis?

Tradicionalmente, a Universidade tem tido um valor cultural e social importante. Mas não tem, ainda, uma proposta económica. Hoje, a educação é uma ferramenta e não um meio de promoção social, como era no passado. Ora, muito do desemprego resulta de ainda haver muitos jovens que vão à procura de reconhecimento, sem cuidarem de saber se vão ter emprego. É um bocado a lei da oferta e da procura. A responsabilidade é de todos: dos governantes, das famílias, dos estudantes...

E como se sai disto?

Eu acredito que, actualmente, há uma área fundamental para a modernização do país: a da tecnologia. Mas é claro que isso implica saber. As vocações descobrem-se na escola, onde tem de começar todo o trabalho. E duas das componentes essenciais são a Matemática e a Física. Tudo o que tem a ver com a Educação demora gerações. Mas tem de ser feito!

O que pensa do chamado “Processo de Bolonha” e do novo Regime Jurídico do Ensino Superior (RJES)?

Compreendo os objectivos de Bolonha: uniformizar e acelerar a formação de quadros qualificados de que a Europa precisa. Pelo menos no domínio das intenções, parece-me positivo, se aceitarmos — como eu aceito — que é necessário, simultaneamente, ter gente mais jovem no mercado de trabalho e um nível de conhecimento maior do que o dado pela licenciatura. O RJES não conheço. As universidades acusam-no de não ser claro e poucas aceitaram trabalhar com esse regime. Não quero julgar o

empresa tecnológica da área dos circuitos e dos sistemas. Hoje, a firma emprega 350 pessoas e possui centros em seis locais diferentes: Lisboa, Porto/ Maia, Caen (França), Gdansk (Polónia), Leuven (Bélgica), Macau e Suzhou (China). Entre 2000 e 2007 foi considerada uma das 500 empresas europeias com melhores indicadores de desenvolvimento de negócio e de criação de emprego. O ano passado, foi comprada pela norte-americana MIPS Technologies por cerca de 107 milhões de euros, tornando-se a maior firma mundial de concepção de semicondutores. Entre 1991 e 1992, com Cavaco Silva como primeiro-ministro, foi secretário de Estado dos Recursos Educativos. Em 2006 tornou-se doutor “Honoris Causa” pela Universidade de Macau e foi distinguido, pelo Presidente Jorge Sampaio, com o grau



“A Universidade tem tido um valor cultural e social importante. Mas não tem, ainda, uma proposta económica. Hoje, a educação é uma ferramenta e não um meio de promoção social, como era no passado”



que elas decidiram. Se calhar, têm razão. Mas também tem que haver a coragem de enfrentar o desafio da mudança e isso leva-nos, às vezes, a ter de trabalhar com o desconhecido.

Conhece bem o ministro Mariano Gago...

Conheço (somos da mesma Escola — o Instituto Superior Técnico) e tenho por ele um grande apreço. Não sei julgá-lo. Mas penso que reconhece a necessidade de mudar e julgo que tem trabalhado com as universidades. Há um conjunto de iniciativas com sentido, como o programa de cooperação com as universidades norte-americanas. De todo o modo, há que dar tempo ao tempo, até para ver o impacto das medidas.

O sr. também chegou a ser governante (secretário de Estado dos Recursos Educativos), mas não se demorou muito tempo no Executivo...

Seis meses. Integrei a equipa de Diamantino Durão, era primeiro-ministro Cavaco Silva. Procurámos introduzir algumas reformas, em nome da ideia de que o ensino público tem de ter alguma participação material dos cidadãos. Assim surgiram a primeira proposta de aumento das propinas e a chamada PGA (Prova Geral de Acesso). Mas isso levou a uma contestação fortíssima dos estudantes, a um descontentamento e a um desconforto muito grandes.

Desconforto, também, da parte do primeiro-ministro?

Isso não sei.

Em Março de 1997, fundou a Chipidea, empresa que trabalha na área dos circuitos analógico-digitais. Independentemente dos resultados da empresa e de o sr. manter a sua ligação ao mundo académico, o que o levou a enveredar, paralelamente, pela vida empresarial?

Boa pergunta. Para falar verdade, foi um compromisso moral com os meus alunos (no Instituto Superior Técnico). Mais uma vez o digo: o importante é o conhecimento, não é o diploma. Ora, nós sentíamos que o nosso conhecimento não era utilizado pelo tecido empresarial português. Ainda me vali de alguns contactos lá fora para encontrar algumas oportunidades de emprego para recém-licenciados. Mas isso também não me satisfazia, porque Portugal não recolhia quaisquer benefícios daí. Então, numa segunda fase, tentei convencer empresas que já trabalhavam connosco, na Universidade, a criar um centro de engenharia. Esteve quase, mas... Então, fizemos nós. Ser empresário, foi a solução que eu e mais dois colegas, com um capital de 2 500 contos, encontramos para dar uma saída profissional aos nossos alunos.

No primeiro ano, trabalhando com empresas que já conhecíamos, facturámos logo 120 mil contos. No segundo, o dobro.

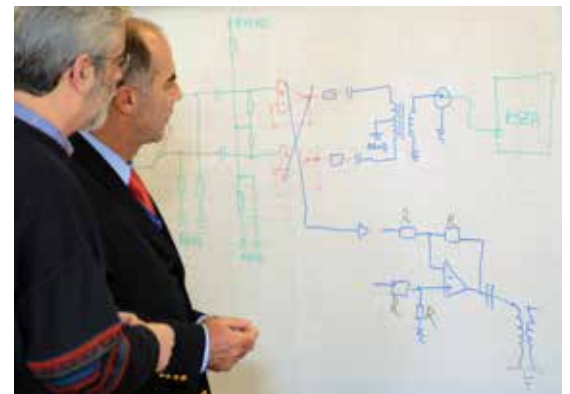
de Grande Oficial da Ordem de Mérito. A 1 de Março de 2008, durante a sessão comemorativa do 718.º aniversário da Universidade de Coimbra, recebeu o mais alto prémio da instituição, no valor de 25 mil euros. O júri era presidido pelo reitor Seabra Santos, integrando ainda António Monteiro e José Leite Pereira (em nome das empresas que patrocinam o prémio), Abílio Hernandez, Armando Porto, Dias Figueiredo, António Pinho Vargas, Carlos Fortuna, Rui Vilar, Bianchi de Aguiar, Maria João Seixas e Paula Moura Pinheiro. Casado com uma médica neuroradiologista há 22 anos, Epifânio da Franca não tem filhos, por opção do casal. O que lhe permite, mesmo não fazendo mais do que duas semanas de férias, exercitar, com mais facilidade, o “hobby” preferido: viajar. “Quando era novo, praticava todo o tipo de desporto, costumando dizer que a parte da frente do meu coração era do Benfica e a de trás da Académica. Hoje, só vejo um jogo ou outro na televisão. Nem o Euro-2006 acompanhei...”.

O facto de os resultados serem tão bons, não os impediu de, no ano passado, terem vendido a empresa a uma multinacional norte-americana...

A partir de 2001 que a Chipidea se começou a abrir a outros investidores, o que lhe permitiu perfazer um capital de três milhões de euros para abrir cinco centros de engenharia fora de Lisboa. Em 2005, abrimos a investidores internacionais, para conseguir novo aumento de capital. E em 2007 surgiu, realmente, essa boa oportunidade de negócio que foi a venda à norte-americana MIPS, cotada na bolsa dos Estados Unidos. Mas só o fizemos com a garantia de que haveria retorno, de que o projecto da Chipidea se mantinha integralmente e de que os postos de trabalho, não só eram conservados, como até aumentariam. De então para cá, foram recrutadas 70 pessoas.

Hoje, sente-se mais um empresário ou um académico?

A Chipidea tem sido uma missão, que um dia espero ver concluída. Olhe, fizemos regressar a Portugal 12 investigadores que estavam lá fora. Académico, tenciono sê-lo até ao fim da vida.



André Oliveira, presidente da AAC

A dialogar é que a gente se entende

João Mesquita

Quer paz com o reitor. Pretende inaugurar o campo de Santa Cruz este ano. Define claramente as prioridades do seu mandato: emprego, Acção Social Escolar e futuro da Associação Académica. “Diálogo” é a palavra que mais se ouve em duas horas de conversa com o novo líder dos universitários de Coimbra. Chama-se André Oliveira, é socialista, “fanático” da Biosa, amante de cinema e do prazer de namorar. Aos 20 e poucos anos, pensa mais numa carreira como gestor do que como político. Mas faz política — pelo menos associativa — quase desde pequenino. E não poupa críticas ao seu partido.

Não é todos os anos que um rapaz (ou uma rapariga) conquista a presidência da Associação Académica de Coimbra (AAC) logo à primeira volta, com 68 por cento dos votos expressos. Mas foi isso que aconteceu a André Luís Paiva Serra de Oliveira, empossado a 24 de Janeiro passado, com 22 anos e a quatro cadeiras de concluir o curso de economia.

Porquê uma vitória tão expressiva? André alinhava prontamente três ideias: “A consensualidade da lista; o trabalho; a mudança de discurso”. “Defendo o ensino público gratuito e de qualidade, mas não coloco a contestação às propinas no centro das prioridades. E também preconizo um novo relacionamento com o reitor, pautado pelo diálogo”, explica o novo presidente, filho de um conhecido cirurgião de Coimbra e militante da Juventude Socialista (JS) desde os 14 anos.

É bom que se saiba, no entanto, que a já longa vida associativa de André Oliveira não é só feita de vitórias. Na Secundária José Falcão, para onde se transferiu depois de ter frequentado o Colégio Rainha Santa, integrou uma direcção, mas foi derrotado, quando ele próprio se candidatou à liderança dos estudantes. E na Universidade, chegou a presidente da AAC um ano depois de ter perdido a vice-presidência. Isto, depois de já ter feito parte da direcção de Fernando Gonçalves, com o pelouro do desporto. Não começou aqui, porém, a ligação de André à maior associação de estudantes do país. Tinha uns oito anos e já o “puto” frequentava a secção de desportos náuticos da AAC. Seguiu-se o rugby, onde foi de iniciado a sénior. Parece que tinha jeito. Mas faltava-lhe o tempo para poder sonhar com voos mais altos. Tanto mais que a promoção à categoria principal coincidiu, precisamente, com a primeira experiência associativa na Universidade. André ainda tentou a “Agrária”. Mas, ano e meio volvido, concluiu que não dava de todo.

Tinha, entretanto, intensificado a militância na JS, de quem se havia distanciado uns anos antes, descontente com o funcionamento interno da organização. Em 2006 passou mesmo a integrar a concelhia de Coimbra, “a única a manifestar repúdio em relação ao novo regime jurídico do Superior, que revela um grande desprezo pela gestão democrática”. A crítica não trouxe qualquer desconforto ao militante socialista? “De modo algum”, responde



“Defendo o ensino público gratuito e de qualidade, mas não coloco a contestação às propinas no centro das prioridades”.
Não possui uma opinião particularmente lisonjeira de Mariano Gago.
“O ministro não tem tido políticas de um governante socialista”, explica.
Embora faça questão de dizer que a AAC “não terá problemas em desenvolver qualquer tipo de contestação que ache pertinente”,
André Oliveira insiste muito na defesa do “diálogo” com o Ministério.
“Neste momento, não faz sentido contestar um reitor que acaba de ser reeleito, tendo sido, ainda por cima, candidato único.
A AAC tem de saber adaptar-se à realidade”.

André Oliveira, rapidamente como sempre. De resto, o dirigente associativo abandonou a conceção, quando decidiu candidatar-se à AAC. E não possui uma opinião particularmente lisonjeira de Mariano Gago. “O ministro não tem tido políticas de um governante socialista”, explica, enquanto toma um refrigerante no bar calmo de um centro comercial lisboeta, depois de uma reunião com o secretário de Estado do Ensino Superior. Ainda assim, e embora faça questão de dizer que a AAC “não terá problemas em desenvolver qualquer tipo de contestação que ache pertinente”, André Oliveira insiste muito na defesa do “diálogo” com o Ministério. “Diálogo” em torno de três matérias que considera ser “as que mais preocupam os estudantes”: o emprego; a Acção Social Escolar; e o próprio futuro da Associação Académica. Para todas elas — há que reconhecê-lo —, André tem propostas. “Um gabinete de apoio ao empreendedorismo”, para fazer face à desvalorização das licenciaturas no mercado de trabalho; uma revisão do critério de atribuição das bolsas, de forma a torná-lo mais solidário; um reforço da ligação aos antigos estudantes e às secções, para contrabalançar “a diminuição da participação dos estudantes no movimento associativo, que Bolonha acarreta”. Neste último domínio, André Oliveira tem, aliás, uma boa notícia para dar: o novo campo de Santa Cruz será inaugurado em 2008, após sete anos (!) de obras. Presentemente, faltam cerca de 500 mil euros para colocar a relva sintética, as balizas e o gradeamento no recinto principal. Verba que o presidente da AAC pretende conseguir com recurso a um empréstimo bancário. Ao que diz, há sete secções à espera, que o Universitário já não dá para as “encomendas”.

“Diálogo” é também a palavra que mais emprega quando se lhe fala do relacionamento futuro com o reitor Seabra Santos. “Neste momento, não faz

sentido contestar um reitor que acaba de ser reeleito, tendo sido, ainda por cima, candidato único. A AAC tem de saber adaptar-se à realidade”, sustenta André Oliveira, que numa Magina realizada no princípio de Março fez aprovar uma proposta no sentido do restabelecimento das relações institucionais com o líder da Universidade, cortadas em 2004.

André, que é fácil ver trajado de capa e batina, chega normalmente à sede da Padre António Vieira pelas 10 horas da manhã e nunca sabe quando de lá sai. O que ele sabe é que deixou de poder praticar desporto, como tanto gostava.

Hoje, só futebol com os amigos... e na bancada.

É presença frequente nos jogos do Organismo Autónomo de Futebol da Académica e não apenas naqueles que são disputados no Estádio Cidade de Coimbra. “Sou mesmo da Académica. Sempre e em que circunstâncias for”, garante, ao mesmo tempo que começa a dar sinais de desconforto ante a possibilidade de chegar atrasado a uma reunião que ainda tem em Coimbra. Nada que o impeça, porém, de confessar que o cinema é outro dos seus grandes “hobbys”. “Procuro ir todas as semanas”, diz, sem revelar para onde vão as suas preferências em matéria de realizadores ou de actores, por exemplo. “Tento informar-me sobre todos os bons filmes”, desculpa-se, antes de assumir um terceiro prazer: “Namorar. Penso que também é importante”. E assim se fica a saber que André tem namoro firme com uma estudante de Medicina, actualmente em Itália, ao abrigo do programa Erasmus. Quase a acabar, a conversa descamba para o futuro. André Oliveira não descarta totalmente a possibilidade de um dia vir a dedicar-se à política “a sério”: “Nunca se deve descurar a participação cívica”. Mas hoje, a sua prioridade vai claramente para a Economia. A pensar no gestor que quer ser amanhã.

Criação Literária

CARAMBA MANUEL

— **Caramba Manuel**

como esperas conseguir esconder tanta gente?

foi isso mesmo que ouviu numa mensagem enviada da Austrália após o seu desembarque em Timor, regressado daquele país, para onde se havia ausentado em busca de apoio dos aliados para salvar os portugueses, que, embora estivessem cobertos pelo estatuto de neutrais, eram brancos e ocidentais, uns desterrados pelo regime e outros abandonados pelo Império numa ilha do fim do mundo, no extremo oriente, lá onde “O Sol logo em nascendo vê primeiro”. Talvez Camões ao escrever este verso, tivesse intenção de referir-se aos japoneses que têm estampado na sua bandeira o Sol, símbolo de Deus ou Imperador, e em nome de quem não davam descanso a ninguém, nem mesmo ao Manuel e ao seu grupo, que foi engrossando com toda gente que lhe pedia protecção. Afinal foi para isso que se tinha retirado para a Austrália com a promessa de regressar com ajuda

— **Caramba Manuel**

como esperas conseguir esconder tanta gente?

perguntava Manderson com quem havia estabelecido o compromisso de que a sua missão em Timor seria a de um grupo secreto com a função de observar o movimento das tropas japonesas, tão invasoras como todas as forças militares que antes haviam entrado em Timor. O australiano recomendava-lhe que se libertasse de alguns. Como poderia libertar-se de alguns, se lhe juntava mais um fugitivo, mais desesperado ainda que o anterior, um desterrado do Alentejo ou um nativo de Kelikai, que no seu entender era tão português como o malae. Os japoneses haviam organizado uma milícia chamada Coluna Negra, com gente recrutada em toda a ilha, e que se arrastava no terreno como uma sombra, levando na sua fúria tanto o Padre Pires, oriundo de Freixo de Espada à Cinta, (nada consta nos registos que na altura dos acontecimentos, levasse uma espada na cinta que, porventura, tivesse irritado os japoneses) assim como o régulo de Suro D. Aleixo Corte-Real, cuja memória as entidades coloniais decidiram depois da guerra perpetuar, pondo a circular no território várias notas de escudos timorenses com a sua real estampa, numa clara alusão ao mito de que se teria embrulhado com o estandarte nacional antes de ser morto. As reparações tardias pecam por serem sempre tardias. Ainda que embrulhadas com boas intenções. O resto é um descargo de consciência. Mais valia que lhe tivessem oferecido em tempo oportuno meios para se defender do ataque das milícias

— **Caramba Manuel**

como esperas conseguir esconder tanta gente?

Manderson avisava-lhe para reduzir o número para metade, para se livrar de alguns, talvez os nativos, quiçá as mulheres e crianças. Manuel achava isso uma imprudência, queria ficar com a consciência tranquila. Depois poderiam denunciar aos inimigos o seu paradeiro, como fizeram aqueles que se juntaram às milícias da Coluna Negra para fazer as desforras por causa do massacre da população civil praticado pelas autoridades coloniais nas campanhas ditas de punição e, que, para o efeito, tiveram de pedir salvo conduto aos japoneses, numa clara violação da soberania que doravante ficaria refém dos nipónicos, assim como todos os malaes que foram encerrados nos campos de detenção de Liquiçá e de Maubara, bem como os nativos enclausurados no seu próprio território.

Finda a guerra, Timor havia perdido mais de meia centena de milhar de almas. Um número tão elevado que surpreendeu o açoriano D. Jaime Garcia Goulart, primeiro bispo de Dili, que, sendo sábio e culto, devia saber que as guerras, embora fossem obra humana, pautaram sempre pela ausência divina que podia ter dado uma mãozinha (não importa se da esquerda ou da direita dado que Deus no campo ideológico é tão neutral como Salazar em tempo de guerra), uma mão que sustivesse o golpe no momento em que desferido, como quando o fez na altura em que Abrãao ia sacrificar o filho.

— **Caramba Manuel**

como esperas conseguir esconder tanta gente?

Manderson insistia para largar alguns, talvez os nativos, quiçá as mulheres e crianças, empecilhos, aquilo era um grupo secreto e não um exército de salvação. Foi isso o combinado. Não devia pôr em risco a missão, nem mesmo a sua própria vida e a dos australianos que o acompanhavam, devendo concentrar-se apenas nos japoneses, que eram tantos como os mosquitos das várzeas com o seu zumbido aterrador, depois da chegada da quadragésima oitava divisão, que antes havia deixado o Império do Meio em pantanas.

MacArthur tinha-se retirado das Filipinas para a Austrália numa rendição histórica do exército americano que mais tarde haveria de vingar-se fazendo o Imperador curvar-se como vencido, naquilo que foi a maior humilhação sofrida por um homem que alguma vez se colocou na pele de um Deus, arrastando na sua queda um povo inteiro, estilhaçado pelas armas de destruição massiva que foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, fazendo da Segunda Grande Guerra Mundial a mais apocalíptica de todas as guerras. João, o Evangelista, se porventura tivesse presenciado a cena, não ousaria passá-la à escrita por uma questão de bom senso. Poderia ofender as pedras.

— **Caramba Manuel**

como esperas conseguir esconder tanta gente?

assim lhe recomendava o australiano, a quem fez ouvidos moucos. O território era tão pequeno e devastado pelos japoneses que mais cedo ou mais tarde seria capturado. Ele sabia perfeitamente por experiência própria adquirida na Primeira Grande Guerra Mundial, nas terras de França, como aconteceu na batalha de La Lys, que a sorte nem sempre protege os audazes. Isso só acontece nos filmes americanos, Rambo, John Wayne, Oliver North e outros que tais. Embora na altura o enviado do governo de Lisboa o tivesse referido como “franco-atirador”, um epíteto utilizado pelos japoneses relativamente a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, colaboravam com as forças aliadas. Francamente prefiro realçar a sua grande humanidade depois de ter lido o seu diário. Diga-se em abono da verdade que foi a sua boa conduta em tempos de paz, como administrador de concelho, que lhe valeu apoios dos nativos nos momentos críticos.

Preso e torturado viria a sucumbir na prisão. Os japoneses ficaram com o código secreto de comunicação que lhes permitiu anular sucessivamente diversas operações. Manderson estava provido de razão. Manuel não tinha condições nem meios para esconder tanta gente num território minúsculo, infestado de pequenos guerreiros do Império do Sol Nascente e atraído por um coração enorme onde cabiam todos aqueles que, independentemente da origem, credo e da cor das peles, eram seus irmãos

51

— **Caramba Manuel**

como esperas conseguir esconder tanta gente?

Luís Cardoso

P.S. Texto lido durante a apresentação do livro Timor na 2.ª Guerra Mundial — Diário do Tenente Pires, de António Monteiro Cardoso, na Fundação Mário Soares no dia 18 de Outubro de 2007.

Lugar dos Livros

Título: Memórias de um Ferreiro

Autor: Afonso Chaves de Almeida

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2007

As Memórias de um Ferreiro, de Lourenço Chaves de Almeida, foram elaboradas na década de 1940. Trata-se de uma fonte excepcional – histórica e humana –, pelas informações que contém e pelo que revela da personalidade e da vida do autor. Tendo chegado a Coimbra – então a “capital” do ferro forjado – já como mestre, salienta o papel do complemento de formação que foi ali adquirindo, nas oficinas e no contacto com outros artistas, na Escola Livre das Artes do Desenho e na relação próxima que estabeleceu com António Augusto Gonçalves e Joaquim Teixeira de Carvalho.

Da actividade artística destaca as obras mais emblemáticas, respectivas exposições e apreciação que lhes era feita, na imprensa. Houve dois períodos marcantes na obra do autor, aos quais dá relevo: participação no primeiro conflito mundial e encomenda, execução e instalação do Lampadário, no Mosteiro da Batalha. Na sua relação com os outros,

sublinha o convívio amistoso com Afonso Lopes Vieira – seu amigo e conselheiro –, a colaboração dada a António Augusto Gonçalves, na Escola Livre das Artes do Desenho e na direcção do Museu Nacional de Machado de Castro e a forma como se relacionou com militares (camaradas e altas patentes) e políticos, incluindo o Presidente da República e o Ministro da Educação Nacional, que muito apreciaram as suas obras, expostas em Lisboa.

Título: Sport and Education – Tribute to Martin Lee

Coordenadores: Carlos Eduardo Gonçalves • Sean P. Cumming • Manuel J. Coelho e Silva • Robert M. Malina

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2007

Trata-se de um tributo à obra de Martin Lee e ao seu contributo para o papel do desporto na educação sócio-moral dos jovens. Martin Lee nasceu em Inglaterra no ano de 1940, tendo concluído o seu PhD em Oregon, EUA. Regressou a Inglaterra em 1980, onde organizou a primeira conferência sobre Crianças no Desporto. Foi fundador do Instituto para o Estudo das Crianças no Desporto (1986) e desenvolveu uma extensa actividade no âmbito desta área, tanto no Reino Unido, como internacionalmente.

As oportunidades para discutir o desporto no contexto da interpretação do binómio “desporto e educação” são fundamentais para aferir da evolução do fenómeno desportivo contemporâneo, especialmente em um tempo em que a educação através do desporto se afirma como paradigma do desenvolvimento social.

Neste sentido, a obra de Martin Lee, líder no campo da integração de valores no desporto, serviu de pano de fundo às reflexões contidas neste livro, que contou com a colaboração de diversos académicos os quais contribuíram com ideias para uma política de desenvolvimento informada e compreensiva tanto para área do desporto como para a da educação.

Título: O Sector da Energia Eléctrica na União Europeia

Autor: Patrícia Pereira da Silva

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2007

A estrutura emergente do sector energético português, em paralelo com a tendência mundial e sob a pressão decorrente de directivas comunitárias, está a facultar às empresas actuaes na indústria da electricidade vivo incremento de flexibilidade nas suas decisões de gestão. A transição de um regime de monopólio de uma empresa estatal regulada para um novo mercado liberalizado e competitivo, ainda que com a persistência de alguma regulação económica sectorial, põe novos desafios às empresas que ora passam a operar em ambiente de maior incerteza e acrescida volatilidade. Perante uma previsível novel dinâmica da iniciativa privada para fazer face à necessária ampliação da capacidade de produção instalada no País de modo a que a oferta possa satisfazer a procura crescente dos últimos anos, há que criar instrumentos que possam sustentar uma correcta política de investimentos estratégicos nesta indústria.

As características únicas da electricidade enquanto commodity, a inovação tecnológica, o desmantelamento das actividades da cadeia de valores e as novas regras da arte, nomeadamente o novo enquadramento regulatório e as marcantes interacções estratégicas têm impacto crucial no comportamento dos preços dos mercados *spot* recém-criados.

O livro pretende de início aprofundar o conhecimento do processo de reestruturação da indústria da electricidade no contexto de transformação do sistema regulatório e da introdução da concorrência, para depois proceder a uma análise

crítica da experiência internacional, em passant pelo caso do MIBEL.

Enfim, recorrendo a modelos de heteroscedasticidade condicional autorregressiva avalia-se a evolução temporal do comportamento dos preços spot nalguns mercados de energia da União Europeia. Investiga-se ainda, recorrendo a modelos econométricos, a eventual existência de integração entre alguns de tais mercados, a fim de aferir o actual estágio de construção do Mercado Interno Europeu de Electricidade.

Título: O Valor (Des)educativo da Publicidade

Autor: Carlos Reis

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2007

Neste trabalho discutimos a forma como a sociedade tem sido moldada pela natureza dos media e pelo seu conteúdo. Em particular, reflectimos sobre as consequências do advento dos media electrónicos, que trouxeram a chamada cultura mosaico, em grande medida oposta à tradição erudita e escolar. Perante as transformações já induzidas pelos mass media e as outras que se adivinham, cada vez mais, os educadores se preocupam com a preparação para o novo ambiente mediático e tentam encontrar formas de formar usuários activos e críticos. De modo específico, apresentam-se as aplicações publicitárias derivadas do behaviorismo, do gestaltismo, da psicanálise e do motivacionismo, bem como, das teorias dos traços da personalidade, dos mecanismos das mensagens subliminares, das derivadas das teorias da mudança de atitudes e, ainda, da publicidade fundada na analítica dos estilos de vida.

Título: Luigi Pirandello e a recepção da sua obra em Portugal

Coordenadora: Rita Marnoto

Edição: Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Série Leonardo, 4
Coimbra, 2007

No panorama artístico e cultural da Modernidade, o nome de Luigi Pirandello ocupa um lugar de primeiro plano, pela acuidade com que coloca e interpreta todas as grandes questões envolvidas por um contexto internacional denso e complexo. Também para os escritores e intelectuais portugueses do século XX foi um nome de referência. Esteve em Portugal em 1931 e visitou a Universidade de Coimbra.

Este livro reúne um conjunto de ensaios onde são apresentados: uma panorâmica geral da vida e obra de Pirandello, que contempla os vários domínios artísticos a que se dedicou (Rita Marnoto); a inserção dos primórdios da sua actividade teatral na corrente do grotesco (Joseph Farrell); a sua correspondência com Marta Abba (Pietro Frassica); a sintonia entre a sua poética e o drama de Fernando Pessoa, *O marinheiro* (Maria José de Lancastre); a sua presença no teatro português da primeira metade do século XX (Manuel Ferro); a comparação entre aspectos das suas novelas e a obra de Pessoa (Roberto Francavilla); a sua presença na narrativa portuguesa, simbolizada pelo

diálogo de Tabucchi onde contracena com Pessoa (Rita Marnoto); uma reflexão sobre a sua dramaturgia (Fernando Mora Ramos). Além disso, é publicada a correspondência inédita entre os representantes de Pirandello e o editor português Acúrsio Pereira, em 1926.

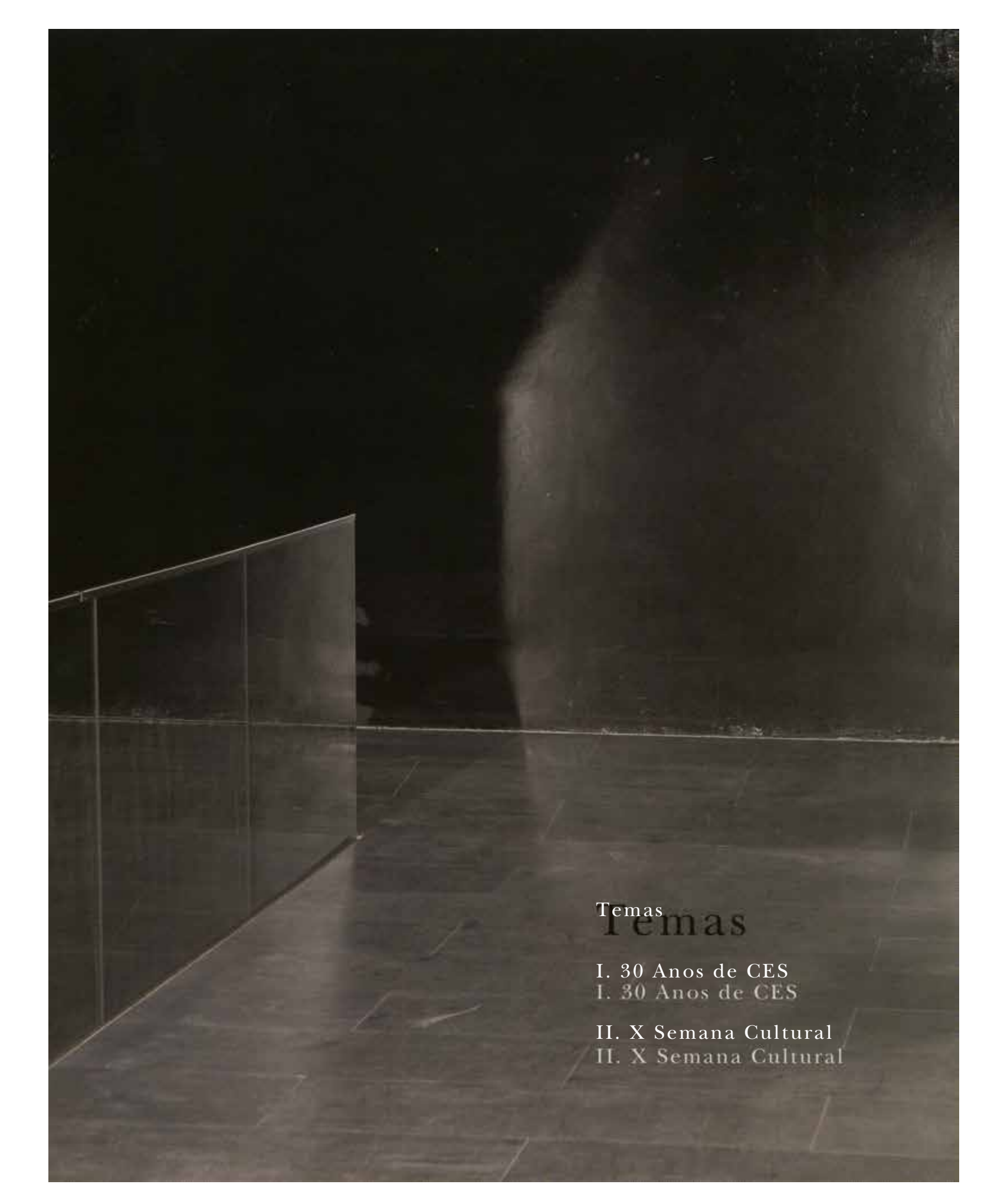
Título: Coimbra em Blues 2003-2007

Autor: Manuel Portela, Mário Lopes, Pedro Dias da Silva e Teresa Santos (Textos); Miguel Silva, Nuno Patinho e Pedro Medeiros (Fotografias).

Edição: Almedina/TAGV

Coimbra 2007

O livro *Coimbra em Blues 2003-2007* documenta cinco anos do Festival Internacional de Blues de Coimbra, através das fotografias de Pedro Medeiros, Nuno Patinho e Miguel Silva. Além de notas bibliográficas e discográficas relativas à totalidade dos músicos que actuaram no festival, esta obra contém ainda um ensaio de Mário Lopes sobre a genealogia e as transfigurações contemporâneas dos blues. Ao olhar para trás, através desta publicação evocativa, é possível perceber melhor a relevância e a consistência dos encontros com os blues que têm tido lugar no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). *Coimbra em Blues 2003-2007* é uma edição Almedina, em colaboração com o TAGV.

A dark, atmospheric photograph of a modern interior space. On the left, a glass railing with a metal handrail runs along a ledge. The floor is made of large, dark, rectangular tiles. The background is mostly black, with a faint, glowing light source on the right side, creating a soft, ethereal glow. The overall mood is mysterious and contemporary.

Temas

Temas

I. 30 Anos de CES
I. 30 Anos de CES

II. X Semana Cultural
II. X Semana Cultural

Boaventura de Sousa Santos

Sou um agente activo de internacionalização do CES

Entrevista por João Mesquita

Há 30 anos que dirige o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES). Mas, entrevistado por e-mail pela Rua Larga, a propósito das comemorações das três décadas de existência do Centro, o sociólogo (quase) só fala do futuro. E projectos é algo que, de facto, não lhe falta. Aliás, dentro da estratégia de crescimento da instituição, Boaventura vê-se a si próprio como um “agente activo de internacionalização” daquela. E só mostra receio de que a pequenez das instalações no Colégio de S. Jerónimo “estrangule o desenvolvimento” do CES.

“Quando se trata de falar do CES, só me apetece falar do futuro”, afirma na recém lançada newsletter da instituição. Pode explicar-se melhor?

É a minha maneira de dizer que o CES, enquanto instituição científica de excelência, não deve nunca estar satisfeito com os sucessos já alcançados e deve, antes, estar permanentemente em busca da renovação que lhe permita enfrentar os novos desafios. A área da investigação científica e da pós-graduação é hoje muito competitiva a nível internacional e o CES pretende posicionar-se cada vez melhor através de um planeamento estratégico (interdisciplinaridade, internacionalização, ciência e cidadania e relações Norte-Sul), da internacionalização do seu pessoal científico (50 por cento dos investigadores do Laboratório Associado são estrangeiros) e da sua oferta (os nossos estudantes de doutoramento são na grande maioria estrangeiros, e em breve leccionaremos programas de doutoramento em inglês para atrair estudantes da Europa e de outras partes do mundo, para além do espaço lusófono, de onde são provenientes muitos dos nossos alunos).

O CES cria-se em torno da “velha” “Revista Crítica de Ciências Sociais” (RCCS). Pode mesmo dizer-se, creio eu, que a existência da revista funciona como uma espécie de pretexto para a constituição do Centro. Que fases se seguiram?

O CES nasceu com a RCCS e a partir dela foi-se expandindo no sentido de promover a investigação científica que permitisse garantir a sustentabilidade da revista. Sempre fiéis à ideia da interdisciplinaridade, começámos por centrar-nos exclusivamente na sociedade portuguesa enquanto sociedade de desenvolvimento intermédio. Isso levou-nos a dar particular atenção ao impacto dos fenómenos da globalização na nossa sociedade, tarefa a que nos dedicámos durante a década de 90. No final da década iniciámos uma nova fase, mais decididamente internacional, que incluiu, por um lado, estudos de outras sociedades europeias e não europeias, muitas vezes a partir de perspectivas comparadas com a nossa, e, por outro lado, a transferência de tecnologias de investigação por nós desenvolvidas para outros países. Neste momento, por exemplo, estamos a assessorar a criação do Observatório da Justiça no Brasil. Acaba de se criar o CES-América Latina, sediado na Universidade Federal de Minas Gerais. E está na forja o CES-Ásia, a instalar em Goa.

O director foi sempre Boaventura Sousa Santos. Já o director-executivo muda de dois em dois anos. Actualmente, é o Tiago Santos Pereira. Os outros membros da direcção são a Sílvia Portugal, a Marta Araújo e a Clara Keating, eleitos numa altura diferente. Porquê?

A assembleia-geral dos investigadores do CES tem entendido que a minha vitalidade enquanto investigador não está esgotada e continua a ser uma mais-valia, nacional e internacional. Sou um director científico vocacionado para o pensamento estratégico, que não intervém na gestão do CES. Procuo também ser um agente activo de internacionalização do CES, pela minha actividade científica em vários continentes. Mas isso também explica que não dedique uma atenção exclusiva ao CES. Neste momento, para além da Universidade de Coimbra e, especificamente, da Faculdade de Economia — uma escola que me orgulho de ter ajuda-

do a fundar —, tenho relações institucionais de diverso tipo com as Universidades de Madison-Wisconsin (EUA), de Warwick (Inglaterra) e de Toronto (Canadá). O CES é hoje uma comunidade muito policêntrica e internamente diversa.

Voltando a Boaventura: 30 anos não é, em qualquer caso, muito tempo?

Pergunte aos investigadores. Em todo o caso, dir-lhe-ei que o meu papel evoluiu muito ao longo dos anos. Hoje (e desde há muito) não faço aquilo que é o símbolo do poder de muitos directores: assinar cheques e escolher o pessoal científico e administrativo. Sou uma estrutura ausente.

O CES é um dos dois únicos centros de ciências sociais do país (o outro é o ICS, Instituto de Ciências Sociais) que funciona como Laboratório Associado (LA). Qual o significado disso?

Significa que, pelos critérios definidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (assim se chamava ao tempo da criação dos LA), os dois centros são os que melhores provas deram no passado de dinamismo colectivo na área das ciências sociais e humanas e são, por isso, aqueles que melhores garantias oferecem de rentabilizar com qualidade e eficácia os instrumentos financeiros e humanos postos à sua disposição pelo estatuto de Laboratório Associado.

Que diferenças existem entre o CES e os restantes centros de ciências sociais em Portugal?

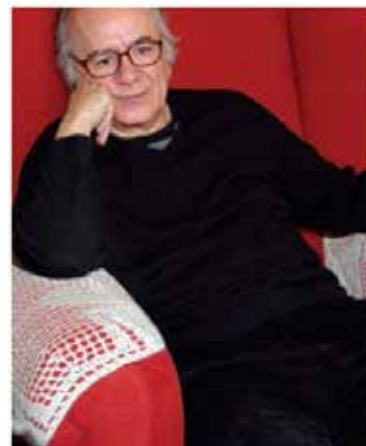
Todos os centros de qualidade têm em comum aplicarem da melhor maneira as metodologias disponíveis para compreender melhor a nossa sociedade e o mundo. A especificidade do CES estará talvez na aposta na interdisciplinaridade (temos investigadores de três Faculdades - Economia, Letras e Ciências - e das mais diversas áreas científicas), na internacionalização e nas relações Norte-Sul.

Como vamos em matéria de instalações?

Mal, dado o dinamismo do crescimento do CES. Temos tido todo o apoio da Reitoria para ir ampliando o nosso espaço, mas quer a Reitoria, quer nós estamos conscientes de que este factor é, a prazo, o que pode estrangular o nosso desenvolvimento e limitar o contributo que queremos dar à Universidade. O facto de estarem planeadas instalações definitivas para o Colégio da Sofia não nos tranquiliza, dada a urgência das nossas necessidades. Teremos de encontrar a curto prazo uma solução no Pólo I que seja digna, adequada e que dure uns bons anos, até se materializar a hipótese do Colégio da Sofia.

É incontornável: que grandes projectos para lá das comemorações?

Os objectivos do CES, a médio prazo, podem alinhar-se nas seguintes vertentes: aprofundar o mandato que lhe confere o estatuto de Laboratório Associado, no sentido de contribuir para uma relação mais forte entre ciência e cidadania — o que, aliás, corresponde à tradição científica que construímos e hoje nos distingue; transformar o CES numa instituição científica capaz de trabalhar articuladamente à escala local, nacional e global; desenvolver uma nova área de interdisciplinaridade: entre ciências da vida e ciências sociais; ampliar a formação avançada: cursos de formação dirigidos a públicos exteriores ao mundo académico, programas de doutoramento e pós-doutoramento vinculados à investigação, cursos de Verão para públicos nacionais e internacionais; valorizar os nossos recursos humanos; assegurar novas instalações, de modo a corresponder ao actual ritmo de crescimento, numa perspectiva de longo prazo.





O CES em números

Marisa Matias

O Centro de Estudos Sociais (CES) foi criado em 1978, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC).

Em Fevereiro de 2002, foi-lhe concedido o estatuto de Laboratório Associado pelo então Ministério da Ciência e Tecnologia.

Actualmente, conta com 80 investigadores/as, 23 investigadores/as associados/as e 46 investigadores/as juniores.

Os seus investigadores/as incluem, nomeadamente, sociólogos, economistas, juristas, antropólogos, especialistas nas áreas da educação, da cultura e da literatura, geógrafos, urbanistas, historiadores e arquitectos.

A investigação no CES organiza-se através de 11 Núcleos: o Núcleo de Arquitectura e Urbanismo; o Núcleo de Estudos sobre Cidadania e Políticas Sociais; o Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas; o Núcleo de Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade; o Núcleo de Estudos Culturais Comparados; o Núcleo de Estudos de Democracia, Cidadania Multicultural e Participação; o Núcleo de Estudos do Estado, do Direito e da Administração; o Núcleo de Estudos sobre Governação e Instituições da Economia; o Núcleo de Estudos de Migrações; o Núcleo de Estudos para a Paz; e o Núcleo de Estudos do Trabalho e Sindicalismo.

Adicionalmente, foram criados diversos observatórios dirigidos para temáticas específicas: o Observatório Permanente da Justiça (OPJ), o primeiro a ser criado no âmbito do CES; o Observatório dos Poderes Locais (OPL); o Observatório do Endividamento dos Consumidores (OEC); e, em fase de concretização, o Observa-

tório das Práticas de Participação (OPP-Povos), o Observatório do Risco (OSIRIS) e o Observatório da Religião (OR).

O CES desenvolve, em colaboração com a FEUC, diversos programas de doutoramento — Cidades e Culturas Urbanas, Democracia no Século XXI; Governação, Inovação e Conhecimento; Política Internacional e Resolução de Conflitos; Pós-Colonialismos e Cidadania Global; Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo —, bem como um outro em parceria com a FEUC e a FLUC (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) — Linguagens, Identidades e Mundialização — e ainda um terceiro em parceria com a FEUC e a FDUC (Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra) — Direito, Justiça e Cidadania no Século XXI’.

Anualmente, o CES oferece duas bolsas “Um Mês no CES”, e duas “Bolsas para Jovens Investigadores”, para investigadores de países de língua oficial portuguesa.

O Prémio CES, criado em 1999, é atribuído bi-anualmente a jovens investigadores de países de língua oficial portuguesa, e visa galardoar trabalhos de elevada qualidade no domínio das ciências sociais.



Um dia no Centro

“Um país estrangeiro”

Catarina Pinto

O mundo está mesmo ali. Dentro daquelas paredes. Recheadas de postais, fotografias, cartazes e papéis soltos. Sem sair do mesmo sítio, viajamos. Para qualquer lado. Veneza. Évora. Florença. Salamanca. Estocolmo, talvez. Ali, cada porta esconde um mundo por descobrir. Um mundo por colorir. Em cada sala, há uma eterna luta contra o espaço. Nas secretárias, estão as teimosas pilhas de livros, folhas e cadernos. Nas cadeiras, sentam-se pessoas de muitos lugares, de muitas linguagens. Para lá do ecrã de cada computador, estão as histórias e os olhares sobre o mundo, que se vão descobrindo, que se vão construindo. É dali que partem para o globo os “viajantes” do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. É dali que partem à conquista de novos horizontes.

Situado no edifício do Colégio de São Jerónimo, na Alta de Coimbra, o CES convive diariamente com a diversidade. Os seus membros chegaram aqui por diferentes caminhos e agora que aqui estão, juntos, prosseguem por ruas distintas. De vez em quando, cruzam-se. Ouvem-se. Unem-se. Por detrás de cada porta, nascem grupos, trabalhos e investigações diferentes. Sociologia, Antropologia, Direito, Humanidades e Relações Internacionais são algumas das áreas de trabalho.

O CES não é um país de uma só língua. Aqui, abrem-se portas. Para o mundo que está lá fora. “Há o desejo de ser internacional”, explica um dos investigadores permanentes, Paulo Peixoto. Nos corredores, cruzam-se diariamente muitos países.

Porque o CES acolhe também investigadores estran-

geiros de várias áreas. Segundo a investigadora permanente, Marisa Matias, um projecto de âmbito internacional possibilita igualmente o “contacto com contextos de trabalho muito diferentes e isso permite um alargamento e enriquecimento da actividade”.

A diversidade do CES não se fica por aqui. Por esta troca de culturas. Dentro de cada sala, há um trabalho diferente. Uma pessoa diferente. No núcleo de Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade, os investigadores apertam-se num lugar demasiado pequeno e cada um trabalha no seu computador. Já no Núcleo de Estudos para a Paz, encontramos lugares mais vazios. São os lugares de quem partiu. Em trabalho de campo. No Núcleo de Estudos Culturais Comparados, procura-se. Procura-se a poesia, que anda por aí escondida nos meandros do infinito mundo da Internet. O objectivo é partir de cada poema ao encontro de uma nova visão do mundo.

O caminho da observação também passa pelo CES. No Observatório Permanente da Justiça, as estantes estão cheias de cor. A cor de livros e dossiers. A cor de um trabalho. Aqui, ultima-se a pesquisa de campo feita nos tribunais, para depois elaborar o relatório que será entregue ao Ministério da Justiça.

Caminhando pelo CES, por entre corredores e gabinetes, sente-se liberdade. A liberdade de criar. Sempre. Novas visões. Novos horizontes de estudo. Os horários rígidos não moram aqui. E cada investigador é livre. Para percorrer o seu próprio caminho. “Há um respeito pelas diversidades e ritmos das pessoas”, diz Paulo Peixoto.

À conquista de espaços e mundos

Ao longo do tempo, “o CES foi arranjando espaço para si”, afirma o director executivo, Tiago Santos Pereira. O centro tem partido, assim, à conquista de um espaço. Intelectual e físico, também. Foram subindo escadas. E ocupando mais andares. E é sobretudo no terceiro andar que se sente a liberdade. Esse “vai e vem” de gentes e lugares. Uns estão sempre aqui. Dia após dia. Outros estão apenas de passagem. Os sofás vermelhos constituem um ponto de encontro, desencontro e cruzamento. São conversas, risos e passos que andam por ali. É o som da máquina, que tira mais um café.

Seguimos pelo corredor e partimos rumo à Biblioteca Norte/Sul. Por aqui, passam estudantes de licenciatura, mestrado, doutoramento, investigadores. Por aqui, passa quem quiser. A biblioteca está aberta a todo o público e o seu nome simboliza a “visão do Norte em relação às questões do

Sul”, explica a bibliotecária, Maria José Carvalho. Nas estantes da biblioteca, também podemos viajar por vários continentes. Os títulos transportam-nos para os mais variados países. Não fugindo ao espírito do CES, também aqui se procuram novas visões, novas perspectivas. “Investimos sempre em títulos alternativos que não existam noutras bibliotecas e tentamos canalizar obras relacionadas com as áreas do CES”, diz Maria José Carvalho. São viagens que se fazem aqui dentro. Viagens solitárias, quando o trabalho é individual, e viagens em grupo, quando é preciso unir esforços. Viagens no tempo, quando o olhar percorre as paredes e encontra os cartazes das actividades que o Centro foi desenvolvendo, ao longo da sua existência. O mundo está mesmo aqui. Dentro destas paredes. Dentro do CES. E, “estando aqui tão perto, é uma espécie de país estrangeiro”, diz Paulo Peixoto. Um país que alarga fronteiras. E constrói um novo amanhã.



A X Semana Cultural

Um primeiro balanço

José António Bandeirinha

O passado dia 8 de Março foi um dia intenso, repleto de actividades, muitas e muito variadas. Foi o dia de encerramento da X Semana Cultural da Universidade de Coimbra e, como tal, constituiu também o corolário das inúmeras iniciativas nela inseridas.

A fanfarra , em conjunto com os músicos de Coimbra que participaram no respectivo workshop, abriu a jornada, com um concerto na Praça 8 de Maio. Tal como no primeiro dia, centenas de pessoas vibraram ao som de ritmos e melodias com um envolvimento frenético e encenações hilariantes. Na Alta, decorriam os colóquios: Os Heterónimos da Imagem, do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras, e Luiz Pacheco e as , da Biblioteca Geral. Decorriam também as apresentações dos diversos workshops de teatro e dança levados a cabo durante a semana: as , nos corredores da Faculdade de Letras, os Abrigos, na sala de leitura da Biblioteca Geral e na Sala do Exame Privado, as , na Praça Marquês de Pombal e nos espaços dos museus, e o de teatro radiofónico, na Praça da República. Músicos da Tuna e do GEFAC, em conjunto com a dita fanfarra, animavam o público no Pátio das Escolas e na Rua Larga. A II Gala dos Antigos Estudantes encheu a sala do Teatro Académico de Gil Vicente e projectou a festa pela noite dentro.

Tal como o dia de encerramento, também a X Semana Cultural da Universidade foi uma semana intensa, uma semana que consumou a intenção de dar a conhecer ao exterior as múltiplas actividades desenvolvidas na Universidade de Coimbra, convocando-as através de uma programação já devidamente formatada, que conjugou espectáculo, ciência e prática formativa. Às iniciativas propostas e desenvolvidas pelas diversas



entidades universitárias juntou-se um programa de articulação, coordenado por Madalena Victorino e Giacomo Scalisi, que lhes conferiu coerência de continuidade e que deixou abertas algumas portas de comunicação com o futuro, através dos workshops e das actividades de formação comunitária. Quer a cidade quer a comunidade universitária compreenderam cabalmente o sentido desta convocação, aderiram com propostas abertas e enriquecedoras e concretizaram uma sequência de iniciativas culturais complementares e integradas. O mote Imaginação deu, assim, alma e corpo a uma semana de actividades vivas e motivadoras. Foi, acima de tudo, uma semana marcada por múltiplos e variados cruzamentos. Cruzamentos entre as actividades propostas pela programação externa e aquelas que surgiram internamente, cruzamentos entre colóquios científicos, espectáculos e exposições, cruzamentos entre a Universidade e a cidade que a acolhe, e, sobretudo, cruzamentos entre as pessoas que são os universitários, os artistas e os públicos.

Para que a X Semana Cultural se concretizasse, foi fundamental o trabalho de cerca de quatro centenas de intervenientes directos que, nas mais diversas instâncias, colaboraram activamente para oferecer esta agenda de cultura e espectáculo a um público que, no total das iniciativas, superou as 5900 pessoas.

Com o contributo de todos, foi dado mais um passo na superação do desafio inerente à programação desta X Semana Cultural — a criação de elos de coerência, que não só temática, entre as mais de seis dezenas de actividades propostas.

O 718º. aniversário da Universidade de Coimbra foi, assim, condigna e coerentemente assinalado, através de um acontecimento cultural de muitos matizes, conjugados por uma vontade uníssona de celebração.

Pequenas lembranças.
A partir de um conjunto
de textos de Luiz Pacheco.
Momentos da apresentação
resultante do workshop
coordenado por
Madalena Victorino.



“Caruma”

Um projecto de arte comunitária

Cláudia Pais

“Caruma são folhas secas em forma de flecha, que descem dos pinheiros, vestem o chão e picam”. Mas é muito mais do que isso. É uma criação da “Companhia Instável”. É um espectáculo coreografado por Madalena Victorino. É uma fusão de dança, teatro e música. É um projecto de arte comunitária, aberto à participação da população. “A caruma, por poder ser simultaneamente fofa e picar, representa os bons e maus momentos da vida”.

O espectáculo de 1 de Março, às 21h30, no Teatro Académico de Gil Vicente, já se revelava ousado mesmo antes de começar. Logo à entrada, ficámos surpresos quando os nossos bilhetes foram recebidos por freiras.

Já lá dentro, fomos conduzidos por um padre e seguimo-lo obedientemente, comportando-nos como um rebanho. Escutámos com atenção as regras desta espécie de jogo, que começava a envolver-nos a todos.

Um padre que falava italiano e andava de patins, uma freira que incitou alguns a transportar as suas próprias cadeiras, um senhor de nome Evaristo que explicou a origem da caruma... Já tudo nos parecia plausível neste universo ímpar onde tínhamos mergulhado. E foi por isso que não nos admirámos quando tivemos que nos dirigir, não à plateia, mas ao palco.

Entrámos naquilo que parecia ser um espaço de culto. O círculo de caruma situado no centro era como que o objecto de devoção. Pequenos focos irradiavam uma luz ténue que criava sombras tremeluzentes. Crianças guiaram-nos para os nossos lugares. Sentados e curiosos, limitámo-nos a esperar, olhando para um tecto sem fundo, de onde balançavam, de forma quase imperceptível, ramos secos. Carlos Bica (contrabaixo) e Mário Delgado (guitarra) embalaram-nos os sentidos com a sua música ao vivo. Ainhoa Vidal, Pedro Ramos, Sophie Leso, Susana Gaspar e Tânia Matos, os intérpretes da dança, deslumbraram-nos com o seu desempenho. O conjunto de participantes saía do meio de nós para, através da sua presença, do seu movimento e da sua voz, complementar o que os cinco intérpretes faziam. As suas idades eram tão díspares que foi impossível não reparar no contraste dos movimentos dos seus corpos. Quando terminavam, voltavam para o meio de nós, como se dali nunca tivessem saído.

Assim, passearam por cima da caruma, varreram-na, andaram de bicicleta, de patins, dançaram, cantaram, falaram connosco. No fim, creio que todos partilhávamos a sensação de também termos pertencido e contribuído para o espectáculo, devido ao ambiente verdadeiramente comunitário e de cumplicidade que se fez sentir.



Caruma.

Espectáculo coreografado por Madalena Victorino



Pequenas lembranças.

A partir de um conjunto de textos de Luiz Pacheco. Momentos da apresentação resultante do workshop coordenado por Madalena Victorino.

“Après de ma blonde”

Ao sabor do improviso

Cláudia Pais

“Après de ma blonde” é sinónimo de improviso, interacção, divertimento. Quem presenciou este espectáculo musical, no dia 1 de Março, na Praça 8 de Maio, não tem dúvidas quanto a isso. O grupo francês “Musiques en Mouvement”, constituído por Alfred Spirli (percussão), Thierry Daudé (trompete), Philippe Neveu (oboé languedócio) e Daniel Malavergne (tuba), chegou às 11h30 e, apesar de os seus membros se destacarem pelas vestes caricatas e pelos instrumentos musicais, a maioria das pessoas passou por eles indiferente. Algumas, olhavam-nos até com desconfiança. Porém, mal os primeiros sons foram emitidos, todos parámos a observá-los, com uma atenção inflexível, de quem nunca viu nada assim. Num ápice, esta música em movimento tinha conseguido aguçar-nos a curiosidade.

Uma carrinha da Câmara Municipal de Coimbra foi o primeiro mote para uma situação divertida. Colocaram-se frente a ela, obrigando-a a parar enquanto, descontraidamente, tocaram. Um deles, mais atrevido, chegou mesmo a abrir a porta do condutor e a buzinar, provocando o riso geral. O círculo de gente fascinada ao seu redor era cada vez maior. Desfilaram à volta do repuxo, entraram em lojas, convidaram pessoas a dançar, deitaram-se no chão e tocaram assim mesmo. Desafiaram, numa espécie de duelo musical, trabalhadores de berbequim em riste, que se encontravam na varanda da pensão Santa Cruz. Um dos elementos do grupo chegou mesmo a subir lá acima.

Dançaram sem coreografia definida, assobiaram sem ritmo específico, flutuaram por entre a multidão de forma aleatória, com movimentos graciosos, cantaram, encantaram-nos, provocaram-nos. O ritmo passava de lento para rápido e de rápido para lento ao seu bel-prazer. Os sons pareciam-nos sempre novos. Seguíamos-los para onde quer que se deslocassem, enfeitados. Esta fanfarra, nascida na rua, estava claramente a alimentar-se das situações que surgiam, ao sabor do improviso. E era precisamente essa imprevisibilidade que nos fazia estar fielmente atentos, completamente extasiados.

“Foi fantástica a integração deles com o público, a simplicidade, o som, o movimento”, comentou alguém. “Este espectáculo faz-nos despertar para as coisas pequenas da vida, faz-nos despertar os sentidos”, foi outra das opiniões de quem assistiu.

“Après de ma blonde” surgiu em 1992, mas foi a primeira vez que estive em Coimbra. Em relação ao nome, Alfred Spirli diz que foi escolhido ao acaso, mas que existe uma música com a mesma designação. E acaba a cantarolá-la, juntamente com o resto do grupo.

Festa “Sons, saberes e sabores”

Partilha cultural dos países da CPLP

Cláudia Pais

“Nos meus sonhos, na minha imaginação, vejo-te a ti, terra querida, terra tão distante”... Imagine Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Cabo Verde e Brasil juntos num mesmo espaço, a produzir uma multiplicidade de sons, saberes e sabores. Uma partilha cultural e festiva da

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), onde convívio e integração imperam. Um espaço interactivo de conhecimento, tradição e diferentes formas de ser e de estar.

Às 15h do dia 4 de Março, a Festa “Sons, saberes e sabores era inaugurada pelo grupo “Musiques en Mouvement” e a tenda branca, situada entre os departamentos de Química e de Matemática da Universidade de Coimbra (UC), estava pronta para receber quem quisesse entrar. “Venha festejar connosco com muita imaginação”, era o convite que nos fazia o cartaz colado à entrada. A exposição de artesanato, a informação turística, a fotografia e a literatura, a selecção musical, e a dança angolana kuduru foram um constante atractivo. Quem passava e espreitava, acabava por se deixar ficar, seduzido pelo ambiente acolhedor e a boa disposição dos que ali se encontravam. O atelier de pintura, com o são-tomense Kwam, decorreu no exterior da tenda, mas nem o vento impediu que as dez vagas existentes fossem preenchidas.

“Imaginar um mundo sem guerra” foi o tema da discussão aberta. Gaspar Sobral, membro da Associação de Estudantes Timorenses de Coimbra, e Aline Mendonça, investigadora da Universidade do Rio de Janeiro, falaram da violência em Timor-Leste e nas favelas brasileiras, respectivamente. Na palestra “Imaginar um mundo sem poluição”, o biólogo João Pardal, vereador da Câmara de Coimbra, abordou os problemas relacionados com o ambiente. A concorrida mostra gastronómica, que contou com pratos típicos de Timor (mandioca, banana, batata doce e akar) e do Brasil (quentão, cocada, pão de queijo, brigadeiro, pão de fubá), rematou o dia.

Natércia Coimbra, coordenadora do Centro de Documentação 25 de Abril — um dos organizadores, juntamente com o Fórum de Associações de Estudantes e Investigadores da CPLP-UC e o CES (Centro de Estudos Sociais) —, lamenta que, apesar da grande afluência, “muitos alunos portugueses pensem que isto não é para eles”. Afirma que a festa é dirigida principalmente aos estudantes da Universidade de Coimbra e que “é por isso que está situada aqui e não noutro sítio qualquer”. Nesta representação da CPLP só faltou mesmo Portugal.



Lembranças.

Criação colectiva com coordenação de Madalena Victorino

“Os Vivos”

Uma comédia sobre a morte

Cláudia Pais

Um leitor de MP3 e respectivos auscultadores? Facilmente se percebia que todos nos questionávamos para que serviriam, já que nos foram dados quando entrámos no Teatro Académico de Gil Vicente, dia 6 de Março, às 21h30, para assistir à peça “Os Vivos”. Porém, a descoberta acabou por se fazer de forma quase instintiva. Quando demos por nós, estávamos cá fora e esforçávamo-nos por ver os dois actores que representavam ali, na rua, com a naturalidade de quem estava em cima de um palco: alheados do movimento dos carros, indiferentes a quem passava e parava para olhar, distantes dos barulhos da noite conimbricense, que já se revelava animada.

As suas vozes chegavam até nós pelo tal apetrecho, onde nem a sonorização musical faltou para acompanhar o texto. Sentíamo-nos voyeurs. Não descolávamos os olhos deles e ouvíamos-os à distância, saboreando cada palavra que constituía o seu diálogo íntimo, furtivo e inquietante: “Toda a gente tem uma história e esta é a minha”. Mas houve quem quisesse acompanhar mais de perto os actores, ficando de frente para o automóvel estacionado na rua Oliveira Matos, onde grande parte da acção decorreu. Foi então que uma espécie de garagem se abriu atrás de nós e um dos actores dirigiu-se para lá. Seguimo-lo, hesitantes.

Lá dentro, esperavam-nos algumas cadeiras em volta de um cenário semi-iluminado, fragmentado em pequenas divisões de uma suposta casa. Os cerca de 50 espectadores, dependendo do sítio onde estavam sentados, obtinham perspectivas diferentes da peça. As divisões iam sendo desmontadas à medida que deixavam de ser necessárias para o desenrolar da acção e os anteparos que delimitavam os espaços transformavam-se em mesas, cobertas por tecidos brancos.

Os agora cinco actores (Ana Freitas, Dinis Machado, Inês Rosado, João Garcia Miguel e Paula Só) apresentaram-nos uma história de um luto mal resolvido, através de cinco personagens bastante distintas: uma mulher de meia-idade, um jovem, um marido, uma empregada, uma morta. “As ideias presentes são as da culpa e do desejo, da imaginação e da memória, de estar vivo e de não estar”. Resta-nos apenas saber qual o significado da broa, poisada nas mesas por cada um dos actores no final, visto que muitos espectadores a comeram mas poucos ou nenhuns a compreenderam...

Esta comédia, cujo tema central é a morte, com encenação de João Brites, texto de Jacinto Lucas Pires e produção do grupo teatral “O Bando”, é como que uma continuação de “Luto Clandestino”, que estreou nas ruas de Palmela em 2006.



Lembranças.

Criação colectiva com coordenação de Madalena Victorino

2.^a Gala dos Antigos Estudantes

Um encontro e um reencontro de gerações

Rui Antunes *

Uma gerbera cor-de-rosa chama a atenção, no meio de uma enorme parafernália. Um olhar mais atento mostra que, afinal, são várias as flores e estão todas em mãos femininas. As pétalas dão colorido à entrada do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), que começa a encher com pessoas de todas as idades. Desta vez, as longas filas não têm como propósito peças de teatro, récitas de poesia ou fados, mas um pouco de tudo, na 2.^a Gala dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra (UC).

As flores não têm ali uma presença inocente. É dia 8 de Março, é dia da mulher. Aos poucos, a massa humana vai-se deslocando para a plateia. A passadeira azul torna-se vermelha, com um desfile de elegância capaz de fazer lembrar uma passadeira ‘hollywoodesca’. Baixam-se as luzes, faz-se silêncio e a sala perde sentidos. O espectáculo vai começar. A gala dos antigos estudantes está de braço dado com o futuro e talvez por isso a primeira apresentação surja através de um vídeo. Zeca Afonso, Urbano Tavares Rodrigues, Raul Brandão e Eça de Queirós são alguns dos nomes que iluminam a tela. Foram também os suportes multimédia que permitiram ao ausente reitor brindar a gala com uma frase comovente: “A UC estará sempre onde bater o coração dos antigos estudantes”. “Ai tão querido”, grita uma voz feminina, num tom tão esganiçado como emotivo. O “reencontro e encontro de gerações” eram as premissas da gala. Uma cerimónia “dos 9 aos 90 anos”, como chega a proclamar o vice-reitor, Pedro Saraiva. É hora de fazer jus às palavras e várias crianças começam a entrar desordenadamente no palco, provocando as primeiras risadas no público. A Orquestra Juvenil prepara-se para actuar. De flautas na mão e com uma disposição despreocupada, as crianças interpretam músicas tradicionais. Ao mesmo tempo que os mais novos batem nos tambores, os “antigos” balançam as cabeças ao som da melodia. O poder de sedução das crianças é enorme e, em poucos minutos, contagia todo o público. Autarcas, professores universitários, avós, netos, estudantes, antigos estudantes, ninguém escapa. “Lá, lá, lá, lá”, é o som que todos cantam. O espectáculo avança e intercaladamente vão sendo mostrados vídeos de antigos estudantes que se tornaram ilustres nacionais. Chega o momento da associação cultural “Encerrado para Obras” dar ritmo à gala, com músicas de inspiração gaulesa que metem a plateia a bater o pé. A melodia só é interrompida pela “aparição” de um vídeo sobre Vergílio Ferreira.

72

Do moderno ao clássico

Um piano ergue-se agora no palco e a música animada dá lugar a um rigoroso classicismo. O amor e a saudade são as temáticas escolhidas pelos quatro antigos estudantes, que interpretam rigorosamente cada nota musical. “Bravo!”, é a resposta de um dos elementos do público.

“Coimbra é uma mulher”. A frase é de Nuno Teixeira, apresentador da iniciativa, e não podia ser melhor aplicada para definir o rumo da gala. Ainda é dia da mulher e até às 12 badaladas a noite está entregue ao sexo feminino. Primeiro, são as antigas “Mondeguinas” que sobem ao palco, para darem lugar a um dos momentos altos da noite: a homenagem a Manuela Azevedo, vocalista dos “Clã”. No entanto, esta viria a ser uma das decepções do espectáculo. Depois da passagem de um vídeo sobre a artista, o apresentador informa que ela não vai estar presente. A decepção do público é geral e exprime-se num sonoro ‘Ohhh’. Chega o intervalo. Talvez seja agora a altura certa para roer os snacks que a organização distribuiu no início. Mas ninguém arrisca perder a compostura para saborear pistachios ou cajus e todos preferem ocupar o intervalo com conversa. Acabou o dia da mulher. O toque que chama as pessoas para dentro coincide com a meia-noite, e todos acorrem aos seus lugares fazendo lembrar a pressa da Cinderela. A segunda metade do espectáculo começa com o coro dos Antigos Orfeonistas e, de uma forma ordenada, os senhores de “papillon” vão-se colocando no palco. O maestro mostra-se pouco optimista e chega a gracejar: “Se isto correr bem, amanhã vêem-me em Fátima”. Na última música, foram desafiados todos os orfeonistas antigos a subirem ao palco. Improvisou-se um novo grupo, que finalizou a actuação e mereceu rasgados elogios: “Estupendo”. Outro dos momentos altos da noite foi o visionamento de um documentário tripartido, de homenagem à República “Palácio da Loucura”. Enquanto passam imagens de antigos “repúblicos”, ouvem-se no público expressões como: “Eh pá, este eu conheço”. A noite é dos antigos estudantes e sucedem-se as actuações de grupos de velhos alunos da UC. A Associação de Antigos Estudantes de Coimbra no Porto é a primeira a entrar em cena, com coros dramáticos. Da poesia declamada, fazem parte nomes como Manuel Alegre, Camilo Pessanha e Miguel Torga. Terminada a récita, chega a vez da Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Braga. Para além da música, os minhotos fazem uma pequena representação teatral sobre a ligação de Portugal à Galiza. Num “portuespañol”, as personagens vão interagindo, ao mesmo tempo que o escárnio ao país vizinho se evidencia. “Porque no te callas?”, diz a presunçosa personagem que faz de rei espanhol. O espírito irreverente do grupo perpetuou-se e, no final, um dos elementos faz uma adaptação do poema de Almeida Garrett “Asas brancas”, para uma nova versão intitulada “Cuecas brancas”. O rasgo de criatividade leva o ousado músico a cantar passagens como “maldito cu” e “merda tanta”, sempre com elegância. O resultado é um apoteótico aplauso, acompanhado de elogios como “este gajo é genial”. “E para os antigos estudantes da Universidade de Coimbra não vai nada, nada, nada? Tudo!...Então, com toda a cagança e toda a pujança, sai um FRA...”. Assim termina a 2.ª Gala dos Antigos estudantes da UC, que subiram ao palco para evocar com o mesmo fulgor de outrora o conhecido grito académico. A X Semana Cultural da UC chega ao fim. Já não é dia da mulher. A gala acabou. Para o ano há mais.

Deliberações do Senado

• SESSÃO PLENÁRIA DE 9 DE JANEIRO DE 2008

DELIBERAÇÃO N.º 1/2008
Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Administração Pública Empresarial, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta (Doc.N.º128/2007), foi apresentada pela Faculdade de Direito.

DELIBERAÇÃO N.º 2/2008
Aprova a proposta de transfe-rência de vagas do Quadro de Pessoal Docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra no 2.º Grupo do Quadro de Professores Catedráticos e no 7.º Grupo do Quadro de Professores Associados. A proposta (Doc.N.º 1/2008), foi apresentada pela Faculdade de Medicina.

DELIBERAÇÃO N.º 3/2008
Aprova, na generalidade, a proposta de princípios orientadores relativos a concursos de recrutamento de professores catedráticos e associados. A proposta (Doc. N.º 2/2008), foi apresentada pela Administração

da Universidade de Coimbra. O texto correspondente, em anexo, deve ser considerado como uma base de trabalho para a deliberação efectiva.

DELIBERAÇÃO N.º 4/2008
Aprova a proposta de alteração à Tabela de Emolumentos, aprovada pela Deliberação do Senado N.º 55/2007, de 10 de Outubro, no que se refere ao pedido de registo de graus abrangidos pelo Decreto-Lei N.º 341/2007, de 12 de Outubro. A proposta (Doc. N.º 3/2008), foi apresentada pela Administração da Universidade de Coimbra.

DELIBERAÇÃO N.º 5/2008
Ratifica a eleição, pelos respectivos pares, nos termos do disposto no artigo 10.º dos Estatutos da Fundação Cultural da Universidade de Coimbra, dos seguintes membros do Senado para o Conselho Geral da referida Fundação:
Professor: Professor Doutor Carlos Manuel Bernardo Ascenso André; Estudante: Lúcia Marisa Vaz Cardetas Malva. Trabalhador não Docente: Maria Hermínia Moreira Machado Lima Preces Ferreira.

• SESSÃO PLENÁRIA DE 13 DE FEVEREIRO DE 2008

DELIBERAÇÃO N.º 6/2008
Fixa em 20 % do valor aprovado para a propina anual de doutoramento, o montante da propina a pagar anualmente por doutorandos que, estando inscritos na Universidade de Coimbra, se encontrem deslocados em instituições estrangeiras, pelo período mínimo de um ano e que obrigatoriamente tenham que pagar propinas na Universidade de acolhimento. Para usufruir desta disposição, os doutorandos deverão apresentar, na Universidade de Coimbra, o comprovativo da duração da estadia no estrangeiro e da obrigatoriedade de pagamento da propina na Universidade de acolhimento. A proposta foi apresentada pela Administração da Universidade de Coimbra.

DELIBERAÇÃO N.º 7/2008
Aprova a proposta de Regulamento de frequência de unidades curriculares sem frequência de um plano de estudos, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. A proposta (Doc. N.º 6/2008),

foi apresentada pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

DELIBERAÇÃO N.º 8/2008
Aprova a proposta de Regulamento de frequência de unidades curriculares isoladas, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A proposta (Doc. N.º 8/2008), foi apresentada pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

DELIBERAÇÃO N.º 9/2008
Aprova a proposta de alteração do Quadro de Pessoal não Docente da Faculdade de Letras. A proposta (Doc.N.º 7/2008), foi apresentada pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

DELIBERAÇÃO N.º 10/2008
Aprova, na generalidade, os princípios que enquadram o Ensino à Distância na Universidade de Coimbra. Autoriza o funcionamento dos seguintes cursos em formato de E-learning: Biomateriais Poliméricos; Materiais Poliméricos na Sociedade; Caracterização de Materiais Granulares; Da Madeira ao Papel;

Alemão Avançado em regime de Blended-learning; Comunicação no Trabalho; Técnicas de Comunicação com Profissionais; Introdução ao Comércio Electrónico; Microsoft Excel no Apoio ao Planeamento, Gestão e Tomada de Decisão em Ambiente Empresarial; Gestão da Escola; Gestão Pública/ Certificado de Desenvolvimento Profissional; Utilização da Plataforma Moodle no Ensino da Educação Física; PROFIT: Programa de Formação Informal de Treinadores; Empreendedorismo; Empreendedorismo e Inovação; Problemas Actuais na Administração Educacional;

Robótica Industrial: fundamentos e aplicações; Complementos de Robótica Industrial: aplicações. A proposta (Doc. N.º 4/2008), foi apresentada pela Reitoria da Universidade de Coimbra. Será presente a próxima reunião para votação na especialidade.

DELIBERAÇÃO N.º 11/2008 Aprova o Sistema de Gestão de Qualidade Pedagógica da Universidade de Coimbra. A proposta (Doc. N.º 5/2008), foi apresentada pela Reitoria da Universidade de Coimbra.

DELIBERAÇÃO N.º 12/2008 Ratifica a eleição, pelos respectivos pares, dos membros

para recomposição das Secções do Senado: Secção de Planeamento, Gestão e Património: Estudante: Jorge Miguel Camões Serrote. Secção de Investigação Científica: Estudante: Luís Miguel Leonardo Machado. Secção de Ensino e Pedagogia: Estudante: Cátia Patrícia Teixeira da Costa Viana. Secção Disciplinar: Estudante: O corpo de estudantes decidiu não eleger representante para esta Secção.

DELIBERAÇÃO N.º 13/2008 Ratifica a eleição, pelos respectivos pares, do secretário da Mesa do Senado:

Estudante: André Luís Paiva Serra de Oliveira.

DELIBERAÇÃO N.º 14/2008 Ratifica a eleição, pelos respectivos pares, do estudante para integrar o Conselho Administrativo: Estudante: Pedro Miguel Marques Simões.

DELIBERAÇÃO N.º 15/2008 Ratifica a eleição, pelos respectivos pares, dos estudantes para integrarem o Grupo de Trabalho previsto no Sistema de Gestão de Qualidade Pedagógica: Estudantes: Nuno Miguel Vieira de Almeida; João Miguel Godinho Martins.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (4 números)*: Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 25€ • Outros: 30€ • Avulso (cada número): 7€(IVA incluído) • Números Anteriores: 7€

Ao assinar a Rua Larga através das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, para além dos quatro números da revista pode também ter acesso a uma série de benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona:

T2: Esta Tipologia possibilita aos seus aderentes apoio em áreas diversas, tais como na obtenção de contactos no seio da Rede UC, no recrutamento, ou no acesso a formação pós-graduada. 35€/ano

T3: Permitindo uma maior proximidade no relacionamento com a Universidade de Coimbra, a esta Tipologia acresce a possibilidade de participação directa nas iniciativas oficiais da Universidade, e de apoio personalizado ao estabelecimento de parcerias e colaborações. 60€/ano

Assinaturas através da Rede UC www.uc.pt/antigos-estudantes, ou pela Internet em www.uc.pt/rualarga.

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



Parceiro: As entidades Parceiras ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



Aliado: As entidades Aliadas assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

Mais informações em www.uc.pt/gats





MIL SORRISOS



MIL SENTIMENTOS



MIL PROJECTOS



MIL CAMINHOS



MILHÕES DE CLIENTES



MILHÕES DE SONHOS

Millennium
bcp

A vida inspira-nos